Lourivaldo Perez Baçan

A Sociedade Secreta dos Templários

Desvende os mistérios desta poderosa Ordem

UNIVERSO DOS LIVROS

Se você já teve a oportunidade de observar ilustrações medievais certamente já teve contato com uma imagem dos Cavaleiros Templários. Hoje, muitos séculos após a sua criação, ainda existem no mundo muitos adeptos desta Ordem Secreta que teve origem na Idade Média. Este livro explora toda a trajetória desses guerreiros e a importância que tiveram na História Mundial. Tal trajetória inclui o surgimento da Ordem dos Cavaleiros Templários para defender a Terra Santa, a organização e regras que regiam a vida desses guerreiros, suas sagradas relíquias, seus símbolos e segredos, as lendas, julgamentos e acusações envolvendo os Templários. Tudo isso inserido no contexto histórico europeu e devidamente comentado para que o leitor conheça detalhes reveladores sobre esses misteriosos guerreiros, vistos sob diferentes pontos de vista.

As primeiras cruzadas

Jerusalém fora tomada pelos turcos seijúcidas em 1078. As violências e os vexames a que estes povos muçulmanos começaram sujeitando os peregrinos, que, de toda a Europa, se dirigiam à Terra Santa para visitar os lugares santificados pela paixão e morte de Cristo, produziram nas almas piedosas daquela época uma profunda emoção, que deu origem às Cruzadas.

Estas expedições, religiosas e militares ao mesmo tempo, nas quais tomaram parte quase todos os países europeus, sucederam-se, com intervalos mais ou menos longos, dos fins do séc. XI aos últimos anos do séc. XIII Umas fizeram-se por terra; outras por mar.'

A história dos Templários mescla-se com a da Europa, iniciando-se no século XI, época das Cruzadas. Nesse tempo, o que conhecemos agora como países da Europa não tinham emergido ainda. O continente era uma amálgama de reinos menores, cada um com seu governo próprio, sendo que muitas das disputas contínuas entre reinos eram iniciadas por "guerrinhas". Não era um bom lugar para viver, especialmente se você fosse um camponês.

Mesmo assim, o povo era unido por uma religião comum: a cristã. Todos, dos nobres nos seus castelos aos camponeses nas suas rudimentares habitações, eram conformados à diária, semanal e anual adoração. O papa, sendo a cabeça da Igreja, era representante de Deus na terra e tinha suficiente poder para desafiar reis e imperadores.

A palavra do papa era lei, a qual podia alcançar a mais insignificante aldeia na Grã-Bretanha rural, por meio de uma rede vasta de padres. Durante séculos, uma sucessão de papas ousou ter uma guerra de palavras com as casas reais da Europa, numa tentativa de criar um império cristão unificado.

Em 1095, os ferozes turcos de Seljuk, guerreiros nômades recentemente convertidos ao Islão, tinham avançado a leste e estabelecido a sua própria capital a uma distância de 100 milhas de Byzantium (conhecida como

Constantinopla, hoje Istambul), a capital do império romano oriental cristão. Instalado o pânico, o Imperador Alexius de Byzantium emitiu uma mensagem ao papa Urbano II, pedindo-lhe ajuda.

Urbano compartilhava o sonho do predecessor de um reino cristão que se estenderia da costa atlântica à ocidental Terra Santa, unificado sob a batuta papal. O apelo de Alexius para a ajuda serviu perfeitamente às suas finalidades, embora Urbano, no entanto, não estivesse satisfeito com a idéia de unicamente defender Byzantium. Não, este ambicioso papa queria libertar a própria Cidade Santa de Jerusalém, que fora ocupada pelos muçulmanos desde os meados do século VII. Aqui estava uma oportunidade de demonstrar o seu poder aos reinos da Europa, ou melhor, uma oportunidade única de autopromover o seu nome.

Numa extraordinária excursão de diplomacia, Urbano visitou inicialmente o sul e o oeste da França, espalhando a notícia de um grande convênio a ser realizado em Clermont, uma cidade no centro-sul do país. Assistiram à reunião centenas de personalidades. No dia final, Urbano levantou-se para fazer um discurso. Traçando um retrato terrível da crueldade dos turcos, apelou para que todos os cristãos se esquecessem das suas discussões com o companheiro cristão e que respondessem à apaixonada chamada para uma grande Cruzada para libertar Jerusalém.

O apelo foi rapidamente remetido através da Europa pela rede da Igreja. Desta maneira, o papa contornou os monarcas dos países europeus e apelou diretamente aos nobres e aos seus súditos. Àqueles que viam a guerra como um ato anticristão, Urbano explicou que as palavras da Bíblia tinham sido mal interpretadas. Embora o sexto mandamento indique claramente "não matarás", agora era somente pecado se matasse cristãos, ou seja, matar muçulmanos era perfeitamente aceitável. Além disso, Urbano prometia que qualquer um que morresse na batalha estaria perdoado de todos os seus pecados nesta vida, e seria garantida uma passagem para o céu. Mas advertiu também que quem desertasse seria excomungado pela sua covardia.

Dentre os cavaleiros de guerra da Europa, muitos dos quais não estavam particularmente bem financeiramente, a oportunidade de pilhar as cidades ricas do leste era irresistível. E com a benção de Deus, era melhor ainda! De todos os cantos, cavaleiros e camponeses - freqüentemente com as

famílias inteiras a reboque - marchavam através da Europa com destino a Byzantium. A primeira Cruzada estava em marcha.

Os livros escolares pintavam um retrato romântico da primeira Cruzada: cavaleiros nas suas lindas armaduras lutavam contra os árabes infiéis em nome de Deus. Na realidade, nada podia estar mais longe da realidade.

O mundo árabe era relativamente calmo e civilizado naquela época. De um cavalheiro árabe esperava-se que fosse um poeta e um filósofo assim como um guerreiro. Tinham calculado corretamente a distância da Terra à Lua, além de terem sugerido, já naquela época, que, mesmo que fosse possível dividir um átomo, libertaria suficiente energia para destruir uma cidade do tamanho de Bagdad. Outro destaque era a própria Jerusalém, uma cidade multicultural. Os judeus, os muçulmanos e os cristãos viviam harmoniosamente. Era permitido aos cristãos em peregrinações à Jerusalém atravessar os lugares santos.

Em contraste, o bando de europeus bárbaros que atingia o Oriente Médio consistia em um monte de selvagens em fúria. Queimavase, pilhava-se, violava-se e destruía-se à sua maneira através da Europa e dos Balcãs. Quem chegou primeiramente em Byzantium, em resposta à chamada de Alexius para a ajuda, foi um conjunto de 15 mil vagabundos, conduzidos por um monge carismático, chamado Pedro, o Eremita.

O imperador ficou horrorizado, pois esperava, talvez, uma ou duas centenas de cavaleiros armados do papa. Certamente não iria deixar entrar Pedro e os seus desordeiros bárbaros na sua cidade. Foram seguidos por milhares de francos e de povos germânicos, incluindo cavaleiros e seus seguidores. Alexius enviou-os a todos desordeiramente através do Bósfarus, na Turquia, e estava feliz por vê-los pelas costas.

Quando as Cruzados chegaram à Turquia do norte, o massacre começou. A cidade de Lycea foi capturada e loteada. Os relatórios diziam que bebês tinham sido retalhados e os idosos eram sujeitos a todos os tipos de tortura. Infelizmente, a maioria dos habitantes de Lycea era realmente cristã.

Os distúrbios continuaram para sul até a Terra Santa. Após os confrontos com os turcos, os Cruzados regressavam ao campo de batalha com cabeças de muçulmanos enfiadas nas lanças. Numa ocasião, fizeram

prisioneiros de guerra transportar as cabeças dos seus próprios colegas. Quando capturaram a cidade Marrat, 50 milhas ao sul de Antioch, os Cruzados deram-se inclusive ao canibalismo. Como Radulph de Caen observou: "As nossas tropas cozinham pagãos adultos na panela. Enfiam as crianças no espeto e devoram-nas grelhadas". Estes não foram os agentes de Deus: foram tão-somente um bando de carniceiros sanguinários.

Finalmente, em junho de 1099, eles chegam à Jerusalém, que foi sitiada e capturada em julho. Os primeiros a pisar nas muralhas da Cidade Santa foram dois irmãos flamengos e, por essa proeza, tornaram-se heróis legendários. Os Cruzados infligiram medonha carnificina aos indefesos habitantes, massacrando judeus e muçulmanos em seus locais de culto. Conta-se que o sangue cobria as pernas dos cavaleiros. Os Cruzados julgaram ter alcançado um enorme sucesso, já que a Cidade Santa tinha sido recuperada dos infiéis.

Os monges guerreiros

Este original exército, ou antes, esta colossal romagem constituída pelos elementos mais heterogêneos e mais imprevistos, elegeu para chefe Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena, e, atravessando o estreito de Bosforo, passou à Ásia Menor, onde tomou Nicêa e Antiochia, e, depois de ser dizimado pela peste, pela fome, pelas intempéries e reduzido a cinqüenta mil soldados, conseguiu enfim tomar Jerusalém em 1099.

Senhores da Cidade Santa, os Cruzados elegeram para seu príncipe a Godofredo de Bouillon, que tomou o título de Rei dejerusalém, e alguns cavaleiros, alojando-se perto do Santo Sepulcro, aí fundaram uma albergaria ou hospital destinado a agasalhar osperegrinos, ao passo que nove outros cavaleiros se albergaram a uma parte ainda habitável do arruinado templo de Salomão e juraram morrer pela fé e na defesa dos mesmos peregrinos contra os infiéis.'

Quando as notícias de sucesso por parte dos Cruzados chegaram à Europa, houve uma grande exaltação. Dos locais mais remotos do continente, peregrinos marchavam rumo à Terra Santa, esperando ver a

cidade, palco de tantos episódios da vida de Jesus Cristo. Essas peregrinações, porém, começaram a criar consideráveis problemas para os governadores de Outremer - o nome francês para "terras do ultramar ou além-mar".

Um reino cristão tinha sido rapidamente estabelecido para delimitar os territórios conquistados durante a primeira Cruzada, mas isso não trouxe a paz à região. Os cristãos continuavam cercados por Estados islâmicos hostis. Os turcos e os muçulmanos, que perderam muitas das suas terras para os cristãos, não estavam dispostos a simplesmente desistir.

Em 50 anos, os turcos sarracenos tinham feito severas investidas no novo reino, com ataques contínuos e assaltos às habitações cristãs. Os descontraídos peregrinos, viajando por terra desde a costa até Jerusalém, eram particularmente alvos fáceis.

Num único incidente em 1119, por exemplo, um grupo de peregrinos foi cercado por bandidos sarracenos e por volta de 300 peregrinos foram mortos. Em 1120, guerras entre sarracenos podiam ser observadas na parte exterior das muralhas de Jerusalém.

Mas nesse tempo, muitos dos Cruzados originais tinham regressado com as suas riquezas saqueadas para a Europa. Agora que a missão do papa para recapturar a Cidade Santa estava completada, o trabalho estava feito. Na Europa, suas famílias esperavam-nos para recebê-los como heróis conquistadores. Isto fez com que muito poucos soldados hábeis ficassem para defender os novos residentes e seus visitantes peregrinos.

Enfim: o palco estava armado para o surgimento dos Monges Guerreiros!

Duas novas ordens militares tinham aparecido com a Igreja, centralizadas em Jerusalém. A dos Hospitalários - Cavaleiros de S. João -, cujo objetivo original era pacífico, inclinou-se para os doentes e feridos em Outremer.

O objetivo consideravelmente mais perigoso de proteger os peregrinos dos ataques sarracenos era levado a cabo por Hugues de Payens, um nobre francês, que chegou da primeira Cruzada. Em 1119, de Payens oferecia seus humildes serviços ao primeiro rei de Jerusalém, Baldwin I.

Ele, juntamente com mais oito colegas cavaleiros, devotaram-se a policiar as rotas usadas pelos peregrinos.

Em face disto, o cenário tornava-se absurdo. Que chances teriam nove homens contra um ataque sarraceno? Mas os nove fizeram um trabalho extraordinário, o que motivou Baldwin 1, impressionado com os seus esforços, a lhes oferecer a mesquita de Al-Aqsa. Esta mesquita tinha sido construída num local que antes fora ocupado pelo próprio Templo Sagrado de Salomão. Conseqüentemente, esse foi o nome que Hugues de Payens deu à nova Ordem: a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo do Templo de Salomão - Cavaleiros Templários.

Eram "pobres" cavaleiros, porque eram também monges, e tinham feito os votos usuais de pobreza, castidade e obediência para com os seus superiores. Eram freqüentemente ilustrados aos pares, cavalgando um único cavalo. Ou eram realmente pobres ou simplesmente representavam a sua nobre pobreza. O desconhecimento do significado é total.

A noção heróica de nove destemidos monges guerreiros, valentemente defendendo os peregrinos em viagem contra as investidas muçulmanas, não deixou de apreender a imaginação das pessoas nesse tempo.

Hoje, o conceito de homem de Deus manejando espadas sangrentas no campo de batalha é inconcebível. Mas, nesse tempo, uma selvagem campanha dos Cruzados para capturar a Terra Santa era perfeitamente aceitável. A terrível carnificina, inflingida aos muçulmanos durante a própria Cruzada, tinha ela própria sido abençoada pelo papa em nome de Deus.

Alguns começaram a imaginar os Templários com uma reverência romântica e ofereciam-se como novos recrutas. A Ordem cresceu, lentamente no início, depois mais célere. Eram treinados como guerreiros e tornavam-se grandes cavaleiros de guerra. As suas atividades também variavam: do papel principal de proteger os peregrinos, gradualmente se tornaram defensores militares da Terra Santa.

O fundador da Ordem e seu primeiro Grão-Mestre, Hugues de Payens, era evidentemente um homem de uma habilidade impressionante. Desde o seu humilde início, os Cavaleiros Templários, sob sua orientação, tornaram-se uma organização disciplinada de profissionais de elevada destreza, com

uma eficiente estrutura de comando. Enquanto a Ordem era pequena, todos os cavaleiros obedeciam a um único mestre. Posteriormente, outros passos foram dados na criação de uma hierarquia, com papéis mais específicos.

O Grão-Mestre era responsável por toda a Ordem. Abaixo deste, diversos Mestres eram eleitos para cada uma das províncias onde os Templários permaneciam. Para cada cavaleiro, havia ao lado dois ou três "sargentos". Estes eram homens que ainda não tinham um compromisso definitivamente firmado com os Templários. Poderiam ser guerreiros - sargentos de armas - ou podiam servir de uma maneira mais pacífica em casas ou conventos dos Templários.

Mantendo o compromisso de pobreza, os cavaleiros usavam roupas simples que contrastavam com o ornamento dos cavaleiros nesse tempo. Usavam uma cobertura lisa de cor branca - posteriormente adornada com a famosa cruz vermelha - que significava a sua pureza e dedicação. Em campanha, os Templários nos seus cavalos de guerra usavam armaduras de malha metálica. Os seus sargentos usavam armadura mais leve e podiam combater em terra se necessário fosse.

Na sua primeira formação, os Cavaleiros Templários não criavam grande excitação. Nesse tempo, novas Ordens apareciam e desapareciam, de acordo com as necessidades do momento. De regresso a suas casas, os Cavaleiros Templários recebiam o apoio do mais poderoso professor de moral da Europa desse tempo: Bernard de Claraval. E o apoio e evangelização de Bernard fizeram com que se constituíssem como uma ordem, com a benção do papa em 1129. Começaram a ser vistos na Europa como novos heróis em conseqüência dessa medida.

E então a lenda dos Cavaleiros Templários começou...

As Ordens

As Ordens foram divididas em três classes:

•dos clérigos: aqueles que recebiam ordenação sacerdotal e que estavam encarregados dos serviços religiosos da Instituição;

•dos irmãos leigos: representavam o papel dos escudeiros; e

•dos cavaleiros: formavam o exército combatente da ordem, recrutados, exclusivamente entre os nobres.

`A Ordem dos Templários, fundada por Hugo de Payen, em Jerusalém, em 1118, encontrou em S. Bernardo um amigo dedicado. Foi este luminar da Igreja que fez a sua propaganda no Ocidente, através do seu escrito intitulado De laude nove militi&. O papa Inocêncio II criou no Concílio de Pisa de 1135 confrarias encarregadas de reunirem fundos para o seu sustento, e tomou-a sob a sua proteção em 1139, por meio da bula Omne datum optimus. Os seus monges adotaram o hábito branco dos cistercienses, ao qual juntaram, mais tarde, como distintivo especial, uma cruz vermelha sobre o manto."3

`A Ordem dos Hospitalares, originada numa obra protectora dos enfermos, que recebera regra do papa Pascual II em 1113, teve, como a dos Templários, a sua origem em Jerusalém. Quando Saladino tomou esta cidade aos cristãos em 1187 estabeleceram-se em Chipre. Em 1310, conquistaram a Ilha de Rodes e passaram a chamar-se Cavaleiros de Rodes. Ali permaneceram em guerra contra os turcos até 1522. Pouco depois obtiveram a ilha de Malta, tomaram o nome de Cavaleiros de Malta e continuaram a luta contra os muçulmanos da África até serem esbulhados da sua posse por Napoleão em 1798.'

`A Ordem de Calatrava, fundada por S. Raimundo, ajudado por outro monge cisterciense, Diogo Velasques, com o fim de defender a cidade fronteiriça de Calatrava contra os ataques dos mouros, foi confirmada em 1164pelo Papa AlexandreIII Entrou em 1166em Portugal e estabeleceu-se em Évora, pelo que os seus componentes se começaram chamando Freires de Évora. Foram senhores do castelo de Alcanede, doado por D. Sancho I, e

possuíram bens em Coruche, Benavente, Santarém, Lisboa, Mafra, Alpendriz, Panoias etc. D. Afonso II doou-lhes em 1211 o lugar de Avis, pelo que passaram a ser conhecidos por Freires de Avis. Mais tarde, a Ordem de Avis tornou-se independente da de Calatrava."5

`A Ordem de Santiago da Espada, originada na necessidade de proteger os peregrinos que se dirigiam ao túmulo de Santiago, fundada em Espanha talvez em 1170, entrou em Portugal em 1172. D. Afonso Henriques doou-lhe, segundo parece, a vila de Arruda, Alcácer, Almada etc. D. Sancho I fez-lhe outras doações, entre as quais se conta Palmela, pelo que, por vezes, aparecem designados por Freires de Palmelas. [..] Entre os mestres mais célebres da Ordem de Santiago, contam-se Martinho Barregão, que se houve com tanto heroísmo no cerco de Alcácer, que mereceu os elogios do Papa Honório III, em carta gratulatória aos bispos portugueses, e D. Paio Corrêa, o herói das conquistas de Métola, Cacela, Alvor, Ossónoba, Aljezur, Tavira etc.'

A Europa

Com a benção oficial do papa, os Templários podiam começar a recrutar novos membros. E - mais importante ainda - podiam começar a ganhar dinheiro. Os representantes da ordem foram enviados através da Europa numa campanha para angariar donativos para a causa. Poucos se deram conta do quão fácil isso se tornaria.

A tarefa dos Templários tornou-se famosa através da Europa. Eram vistos como nobres guerreiros, defensores da Terra Santa dos odiosos sarracenos, além de serem ainda humildes e verdadeiros devotos a Deus. Assim, outros usaram as Cruzadas como uma oportunidade para "encher os bolsos", mas estes cavaleiros peculiares juravam votos de pobreza e castidade. A sua lendária bravura era tipificada num outro voto - eram expressamente proibidos de se retirarem do campo de batalha a não ser que a inferioridade numérica fosse de três para um.

Em áreas relativamente calmas da Europa central, circulavam histórias acerca dos Templários - sem dúvida muito exageradas durante a longa jornada para Outremer - que devem ter inspirado uma tremenda devoção

para com estas figuras românticas. Quanto às pessoas, era pedido apoio para a Causa Templária, os donativos fluíam facilmente. Esses donativos não eram as habituais ofertas de caridade, as esmolas. Os Templários juntavam fortunas, tanto em ouro como em propriedades, dadas na França, Espanha, Portugal e Inglaterra, com pedaços consideráveis na Escócia, Áustria, Hungria, Alemanha e norte de Itália. Poucos foram tão generosos como o rei Afonso 1, de Aragão, que, à sua morte, em 1134, testamentou que lhes fosse concedido um terço de todo o seu reino no nordeste da Espanha, atualmente preenchido pelas regiões de Aragão e Catalunha. As pessoas mais pobres davam tudo o quanto pudesse.

Tipicamente, as concessões eram feitas por donos de propriedades aristocratas com bastantes terras. Assim - tomando um exemplo dentre centenas - em 1141, Conan, duque da Bretanha, deu à Ordem uma pequena ilha da costa Bretã e também uma renda anual de boa parte das suas propriedades na parte norte da França.

Por que estava um tão numeroso grupo de pessoas preparado para dar o seu dinheiro e propriedades em favor da Ordem? Sem dúvida, ofertas de caridade com intuito religioso eram vistas como uma via para ganhar a salvação depois da morte - efetivamente comprando uma passagem para o céu. Mas também, sobre a influência de padres poderosos, como é o caso de Bernardo, os objetivos limitados da Ordem no Oriente eram exagerados, até que o seu papel foi visto como o de defensores da cristandade como um todo. As pessoas metiam as mãos bem no fundo dos seus bolsos. No fim do século XII, William de Tyre' escreveu: "Não existe neste momento uma região no mundo cristão que não tenha transferido uma parte das suas riquezas para esses irmãos".

Tudo isto contribuiu para aumentar consideravelmente o número dos Templários. Não somente precisavam de cavaleiros e de "irmãos" para tomar conta das suas casas na Europa, como 300 novos cavaleiros tinham partido para o Oriente Médio em fins de 1120. E, posteriormente, continuou a haver uma fluência contínua. Sua posição continuava sendo fortalecida. Em 1139, o papa Inocêncio os libertou de qualquer superior real. Daí em diante, eles eram apenas questionados pelo próprio papa.

Como muitos esperavam, com tamanho acúmulo de riqueza e poder, a nova Ordem tinha os seus críticos. Não tendo que prestar contas a

ninguém, eram frequentemente acusados de arrogância. Seus negócios, conduzidos em segredo, fizeram transpirar profundas suspeitas acerca das suas atividades. Muitas figuras religiosas reprovavam o seu desempenho de guerreiros de Cristo. O que poderia ser menos cristão do que massacrar seres humanos numa batalha ou saquear cidades? Rumores persistentes também se espalharam, afirmando que a atividade principal dos Templários era secreta e esotérica. Como Guigo8, um famoso monge europeu, escreveu para a nova Ordem em 1129: "É inútil, para nós, atacarmos os inimigos exteriores, sem que primeiro tenhamos conquistado aqueles que estão no interior". Os Templários obtiveram, com isso, uma reputação de sociedade secreta.

Mas os que apoiavam em muito superavam os detratores, tanto em número como em autoridade, e assim a ordem prosperou no Oriente e no Ocidente. No entanto, foi somente com a segunda Cruzada de 1147 que os Cavaleiros Templários se tornaram realmente proeminentes.

O crescimento

As ordens religiosas militares auxiliaram decididamente os reis portugueses nas lutas da Reconquista. Ao espírito guerreiro dos seus membros deveram as monarquias cristãs da Espanha, em boa parte, a expulsão dos sarracenos. Estes monges soldados, entre os quais a disciplina monástica supria até certo ponto a falta de disciplina militar, bem pouco adiantada naquelas rudes eras, forçosamente levaram por isso vantagens aos outros homens de armas e cavaleiros, a quem nos combates deviam faltar muitas vezes o nexo da obediência e a força que resulta da unidade e simultaneidade de ação. [..]

As ordens militares que se empenharam nesta luta foram: a Ordem dos Templários ou cavaleiros do Templo; a Ordem dos Hospitalares ou do Hospital; a Ordem de Calatrava; e a Ordem de Santiago?

Não se sabe quando esta Ordem (dos Templários) foi introduzida em Portugal. Em 1128, D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, doa-lhe o castelo de Soure e a "terra deserta e despovoada entre Coimbra e Leiria "1 onde fundam os castelos de Pombal, Ega e Redinha. Em 1159, D. Afonso Henriques doa-lhes o castelo de Cêras. Em 1160, começaram a construção do castelo de Tomar, para defesa do lugar onde haviam edificado um convento, que se torna a casa mais importante da ordem entre nós.

Os seus bens aumentam constantemente, com doações no Alentejo, as terras de Idanha-a-Velha e Monsanto, o território de Açafa etc. Entre os seus mestres mais eminentes figuram o célebre D. Gualdim Pais, D. Lopo Fernandes, D. Martim Martins etc. Extinta a Ordem em 1312, as suas terras passaram para a nova Ordem de Cristo em 1319.10

Em meados do século XII, o controle cristão na Terra Santa encontrava-se fragilizado. Em 1147, o rei alemão, Conrad III, e Luís VII, da França, apelavam para uma segunda Cruzada para fortalecer o reino cristão no Oriente. O papa Eugenius III deu a essa campanha a sua benção e Bernard de Clairvaux clamava por apoio com os seus sermões.

Para a segunda Cruzada, os Templários da Europa estavam em situação de enviar várias centenas de cavaleiros para Outremer. A experiência

adquirida ao proteger peregrinos ser-lhes-ia de capital importância para proteger a massa armada européia, em sua movimentação através da Terra Santa. Os Templários ganharam a confiança dos líderes reais das Cruzadas, além de apoio financeiro e militar. E combateram ferozmente durante a campanha.

Essa segunda Cruzada, no entanto, torna-se-ia um desastre, com graves perdas sofridas pelos franceses e alemães nas suas batalhas com os turcos.

Em fins de janeiro de 1148, os Cruzados estavam severamente enfraquecidos e praticamente sem cavalos. Luís VII deu-se por satisfeito e regressou para casa, assumindo a responsabilidade pela campanha fracassada dos Templários.

Se bem que, apesar do desastre que foi a segunda Cruzada, os europeus sobreviveram intactos e era claro que os Templários estavam ali para ficar. Esses, além de ricos em propriedades, ganharam grande parte de território pela conquista. Nos terrenos desertos do Oriente Médio, estabeleceram uma cadeia de fortificações.

Por volta de 1180, os Cavaleiros do Templo tinham uma rede de castelos para se defenderem contra invasões e agir como depósitos de mercadorias e pontos de passagem. Esses castelos eram construídos de maneira pessoal e eram os mais fortes do mundo. Novos recrutas chegavam da Europa para guarnecer essas fortificações.

Os cavaleiros eram o exército mais disciplinado e organizado daquele tempo e não tinham dificuldade para recrutar novos homens de valor para a Ordem. Por volta de 1180, havia cerca de 600 cavaleiros no Oriente, juntamente com dois mil "sargentos" e talvez cinco mil cavalos de guerra. Cada combate travado, por menor que fosse, aumentava-lhes a experiência.

Os Templários eram guerreiros dedicados, conduzidos pela mais severa disciplina monástica. Não tinham qualquer medo de morrer. Para simbolizar a sua dedicação para morrer como mártires em defesa da Terra Santa, a sua original vestimenta branca era adornada pela então famosa cruz vermelha.

Mas a maré da guerra estava mudando. Nos anos 1170, o grande líder

sarraceno Saladino conseguiu unir os setores rivais do Islã numa só força. À volta do reino cristão de Jerusalém, Saladino governava as terras do Egito para sul e a Síria na parte norte.

Os anos de tolerância entre os cristãos e muçulmanos no Oriente Médio tinham chegado ao fim. Agora era a guerra aberta, uma guerra que Saladino estava progressivamente ganhando. A ajuda do Ocidente demorava a chegar, ou seja, os habitantes de Outremer estavam por conta própria.

Os próprios muçulmanos desenvolveram a sua própria seita de monges guerreiros. Os Assassinos eram o equivalente muçulmano dos Templários e dos Hospitalários, com uma ressalva: eram ainda mais fanáticos. Assim, participavam em todas as operações militares e eram especialistas treinados para serem pessoas singulares. A palavra assassin é a forma inglesa de Hashishyun, que quer dizer "comedores de hashish". Diziam que seu primeiro líder, conhecido como O Velho das Montanhas, tinha por hábito usar drogas para planejar seus ataques e descrevia visões do paraíso antes de enviar seus homens em missões sinistras.

Os Assassinos eram fanaticamente leais ao seu Mestre. O sobrinho de Ricardo Coração de Leão, Henrique de Champagne, visitou certa vez uma fortaleza Assassina, na Síria, na tentativa de negociar um tratado de paz com os muçulmanos. Para impressionar o visitante com a absoluta obediência dos seus homens, ele ordenou a vários Assassinos, um por um, a atirarem-se para a morte das muralhas do castelo. Conta-se que Henrique ficou visivelmente perturbado com a cena suicida que tinha presenciado.

Essas fortificações Assassinas estavam distribuídas através das montanhas do atual Líbano e Síria e constituíam uma constante ameaça para a fronteira nordeste do reino cristão. Mas os Assassinos também não eram amigos de setores rivais islâmicos, os quais eram atacados pelo menos tantas vezes quanto os cristãos.

Em 1173, o rei Amalric 1, de Jerusalém, recebeu uma mensagem do próprio Velho das Montanhas, propondo-lhe a paz. Amalric entendeu que tal proposta não só deixava mais seguras as fronteiras, como também abria fissuras no próprio Islã cada vez mais espalhado. Aceitou fazer a paz com

os Assassinos.

Os Templários tinham por esse tempo assumido papéis adicionais, contudo sua honestidade e integridade eram inquestionáveis, além de serem os melhores guerreiros do reino. Ambas as qualidades eram ideais para transportarem dinheiro dentro do reino. Eram, de fato, o "carro blindado" medieval e também os coletores de impostos perfeitos. Ninguém se atrevia a enfrentar um Cavaleiro do Templo.

Amalric, no seu tratado com os Assassinos, apressadamente disse aos Templários para pararem de receber impostos no território dos Assassinos. Mas os Templários não gostavam que ninguém fizesse promessas em seu nome - mesmo que fosse o rei. Abdullah, o agente Assassino, foi emboscado no caminho, quando regressava das negociações com Amalric. Foi morto por um Templário com um só olho, de nome Walter de Mesnil. Amalric estava furioso, já que seu bem traçado plano de paz com os Assassinos tinha sido sabotado.

Esse incidente serve para ilustrar o elemento de desconfiança que começou, a partir daí, a atingir a impecável reputação dos Templários. Eles podiam agir independentemente do rei. Argumentavam que isso era típico da arrogância dos Templários, juntando-lhes vagas acusações de subornos. Acreditava-se que era altamente suspeito o que os Templários tinham debaixo de seu manto de segredos.

Mas Amalric e os outros oponentes dos Templários tiveram que engolir a sua ira e tolerar os cavaleiros, pois estes eram, sem sombra de dúvida, a força de combate suprema em Outremer. Sem a sua experiência de combate - a sua bravura, plano tático e disciplina de guerra -, o reino nunca poderia sobreviver. Sem os Templários e as outras Ordens militares, a ocupação cristã do Oriente Médio teria rapidamente sucumbido.

A derrota

Como uma máquina da guerra, a Ordem tinha se tornado tão temida pelo inimigo que Saladino, que normalmente era misericordioso com os prisioneiros de guerra, fazia questão de executar todo o Templário ou Hospitalário que capturasse. Tinha respeito pelas insígnias do estandarte de batalha dos Templários - uma cruz vermelha de oito pontas num fundo branco -, tendo boa razão para isso. Em 1177, uma força de 300 cavaleiros, conduzida pelo rei de Jerusalém, Baldwin IV, derrotou um exército maciço de 26 mil turcos, curdos, árabes, sudaneses e mamelucos.

Este período da rápida expansão para os cavaleiros chegou ao fim com a batalha de Hattin em 1187, ocorrida perto do mar da Galiléia, hoje Israel. Essa foi uma das batalhas mais dramáticas de toda a História. O exército de Saladino, com 60 mil homens, saiu vitorioso do encontro com 25 mil cristãos. Durante os dois dias da batalha, Saladino usou o terreno e o clima brilhantemente em seu favor. Atacou as forças cristãs em deserto aberto, no calor flamejante, em terreno sem água. As flechas choveram severamente sobre os europeus prostrados e 23 mil cavaleiros morreram na batalha ou foram executados imediatamente após. Estas execuções eram uma medida do respeito de Saladino para com os cavaleiros. Indubitavelmente trariam ricas recompensas ou mesmo preços elevados nos mercados de escravos por onde passassem as suas vidas.

Ao fim de um ano, Acre e Jerusalém tinham caído. Saladino apagou todos os traços dos Templários, demolindo todos os seus edifícios. Logo o único posto cristão principal era o porto de Tyre. Embora a terceira Cruzada (1189-92), que trouxe Ricardo Coração de Leão à Terra Santa, conseguisse recapturar Acre, os cristãos nunca consegui ram reconquistar Jerusalém. Acre transformou-se na nova capital, e os Templários moveram de lá os seus quartéis.

Mas quando Saladino morreu em 1193, as seitas islâmicas rivais recomeçaram as suas querelas. Os cristãos lutavam para reconquistar território e suas fortunas desvaneceram-se. Houve algumas vitórias, mas houve também algumas derrotas terríveis. Muitos Templários caíram na batalha de Ia Forbie, perto de Ghaza, hoje Israel moderno, em 1244, e somente 33 cavaleiros foram deixados em todo Outremer. O fim estava

perto.

Em meados de 1250, uma nova dinastia erguera-se no Egito. Os mamelucos, ex-escravos de combate dos sarracenos, levantaram-se sob o comando do Sultão Baybars, um homem cuja barbaridade e sangue-frio eram equivalentes aos das primeiras Cruzadas. Fortificação após fortificação, cidade após cidade caíram sob os egípcios. Os habitantes fugiram e todo o Templário que sobrevivesse às batalhas era decapitado. Em 1270, os Templários deixaram de ser uma presença significativa na Terra Santa e, em 1291, após a queda dramática de Acre, os últimos europeus deixaram o Oriente Médio.

Os Templários restantes escaparam com seus tesouros e relíquias religiosas para o Chipre e instalaram o seu quartel General em Limassol. Ali, tentaram reagrupar-se, antes de enfrentar o inimigo uma vez mais em Outremer. A maré da opinião popular na Europa, entretanto, começou a inverter-se contra eles inexoravelmente.

Novo papel

No espaço de uma dúzia de anos desde a fundação da Ordem, tinham sido dados aos Templários lotes expressivos da Europa, o que fez com que rapidamente eles tivessem que estabelecer uma estrutura administrativa para lidar com todas essas benesses. Cada região foi dividida em províncias, cada qual com o seu próprio mestre, e cada província foi dividida em "baillies". O trabalho das casas européias dos Templários fornecia o dinheiro e os bens para a guerra no leste. Um terço da renda, em dinheiro, era pago por essas casas da Europa para suportar o esforço da guerra.

No fim do século XIII, havia várias centenas de casas dos Templários na Europa. A maioria estava situada no que é hoje a França moderna, mas havia também representações em Portugal e na Espanha Ocidental e uma presença ainda tímida na Inglaterra e Itália. As propriedades dos Templários estendiam-se desde a costa atlântica à Polônia Oriental, e da Escandinávia à Sicília.

Num curto espaço de tempo, os Templários encontravam-se num papel inesperado. Tornaram-se os primeiros banqueiros internacionais do mundo.

A moeda naqueles dias era o ouro ou a prata e valia simplesmente o seu próprio peso, quer fossem dinars árabes ou solidi italianos. Naquele tempo, para uma viagem da Inglaterra à Itália, o viajante ficaria relutante em transportar dinheiro em moeda consigo, pois isso seria demasiado arriscado. Com a sua rede de casas e castelos, os Templários davam-lhe uma nota, a cédula original, como prova que ele tinha depositado uma determinada quantia de dinheiro num dos seus centros na Inglaterra. Apresentando essa mesma nota numa casa de Templários na Itália, ser-lhe-ia devolvida essa mesma quantidade de dinheiro.

Inicialmente, os Templários estavam menos preparados para as transações financeiras dentro da Europa do que da Europa com a Terra Santa. Coletavam impostos em Outremer e asseguravam que tais impostos alcançariam o seu destino com segurança. No século XII, emprestaram

dinheiro aos Cruzados assim como aos reis. Comportavam-se também como agentes para pagamentos de compensações e transferência mais segura dos fundos para a guerra na Terra Santa.

No século XIII, os Templários possuíam uma frota no Mediterrâneo, a qual, originalmente, era para o transporte dos peregrinos de Marselha ou da Rochelle para a Terra Santa, só que transportavam também bens para venda ou revenda no Oriente Médio. E na viagem de retorno podiam trazer escravos ou outras especiarias orientais exóticas para a Europa.

O movimento do dinheiro e facilidades de crédito deve ter crescido juntamente com este transporte de peregrinos. Eram precisamente esses peregrinos que necessitavam ter o seu dinheiro protegido e que tiravam partido de facilidades de crédito na própria Terra Santa. Ficavam muito mais felizes usando os Templários para essas operações do que algumas das casas de operação bancária rivais que surgiram rapidamente na competição. Os Templários podiam oferecer um melhor serviço em toda parte. Podiam protegê-lo assim como ao seu dinheiro. E seus votos da pobreza fizeram-nos totalmente dignos de confiança.

Reis e nobres de toda a Europa tiraram rapidamente vantagem da garantia dos Templários pela segurança e honestidade. O rei Henrique II da Inglaterra depositou muitos dos seus artigos de valor nos Templários de Londres, fundados em 1185. Em 1204/5, o rei João deixou mesmo as jóias da coroa nos seus cofres, assim como o seu sucessor Henrique 111, em 1261, durante a revolta dos Barões. Forneceram empréstimos - para os quais eram tirados dividendos - às casas reais. Na Inglaterra, as próprias jóias da coroa foram usadas colateralmente para garantir um vultoso empréstimo ao rei Henrique.

Eram também os banqueiros do papa na Terra Santa e dos impostos coletados em seu interesse. Na Espanha, a Ordem teve um monopólio virtual no dinheiro emprestado. Na França, os Templários foram os banqueiros da família real durante mais de um século. Na Inglaterra, exerceram um papel similar durante os reinos de João e de Henrique III. A Inglaterra era uma fonte particularmente rentável dos Templários, cujo papel foi fundamental para transformar Londres no principal mercado financeiro internacional que é hoje.

Em muitas partes da Europa foram concedidas isenções de taxas locais e nacionais, dos pedágios, das demandas arbitrárias pelo barão ou pelo rei local. É impossível calcular-se a riqueza dos Templários. Mas considere-se o fato de que, em meados do século XII, a renda das suas propriedades inglesas somente eram avaliadas em £ 5.200, (cinco mil e duzentos libras esterlinas) o que equivaleria hoje a cerca de £ 10 milhões (dez milhões de libras esterlinas). E lembre-se, apenas na Inglaterra. A vasta maioria das suas propriedades estava situada na França e outras partes do continente.

A sua participação na política era uma extensão natural do seu envolvimento nos casos financeiros das casas nobres e reais da Europa. Tendo em conta que os Templários vinham tendencialmente dos extratos superiores da sociedade, tinham uma rede já feita de amigos e de parentes em lugares de evidência. Há muitos exemplos dos papéis de influência que desempenharam em eventos políticos. Quando o rei João morreu em 1216, seu filho, Henrique, tinha nove anos. Assim, por diversos anos a Inglaterra foi governada por um comitê, o qual incluía o mestre do Templo e era encabeçado por um grande amigo pessoal dele. Em 1259, o parlamento inglês usou o Templo de Londres como seu lugar de reunião. E mais cedo, em 1164, o mestre dos Templários da Inglaterra, Richard de Hastings, tinha tentado usar a sua influência para reconciliar Henrique II com o seu "turbulento" padre, Thomas de Becket.

Histórias similares podem ser relatadas em outros locais da Europa. Em Aragão, parte da Espanha moderna, quando o rei James 1 ainda criança recebeu o trono em 1213, os nobres aragoneses escolheram o Mestre Templário local para tomar conta da criança no Templo de Monzón. Este se tornou o seu conselheiro durante todo o seu reinado.

Assim, além de providenciar serviços financeiros e políticos na Europa, os membros da Ordem estavam também disponíveis para as Cruzadas. Tendo a Guerra Santa no Oriente sido perdida, desempenhavam um importante papel nas guerras internas contra os mouros na Espanha.

Mas o papel dos Templários no Ocidente era bastante diferente daquele exercido no Oriente. No Ocidente eram agricultores, agentes de viagens e financeiros enquanto no Oriente eram guerreiros temidos.

As sagradas relíquias

Além das propriedades, enormes reservas de dinheiro, os Templários eram também ricos em relíquias.

As relíquias eram os restos das pessoas ou coisas que tinham sido caracterizadas nas histórias do Novo Testamento. Uma relíquia popular naquele tempo era um pedaço de madeira da cruz verdadeira - a cruz em que Jesus foi crucificado. Outra era a cabeça de S. João Batista, que foi decapitado após Herodes ter sido enfeitiçado pela sedutora dança de Salomé. Os povos na Idade Média tinham uma adoração desesperada por relíquias, que veneravam com admiração. Mas, como poderia se esperar, havia uma abundância de fraudes. Diversas cabeças de João Batista estavam em circulação, além de existirem muitas lascas da madeira da verdadeira cruz, quantidade suficiente para fazer muitos crucifixos!

Os Templários tinham em sua posse uma coleção apreciável de relíquias, das quais se destacam: a coroa dos espinhos, tirada da cabeça de Cristo; o corpo da mártir Santa Eufêmia de Chalcedon, que se julgava ter poderes de cura divinos; e uma cruz de bronze, feita da bacia que Jesus usou para lavar os pés de seus discípulos, na última ceia. O escritor popular lan Wilson, no seu livro lhe Turin Shroud, levantou a questão de que eles compraram também o sudário em que Cristo foi envolvido no seu túmulo na Terra Santa.

Mas a relíquia mais estimada era o Santo Graal, o cálice que Jesus usou na última ceia. Comentava-se que havia sido descoberto enterrado no velho templo de Salomão, em Jerusalém. No princípio do século XIII, o poeta alemão, Wolfram von Eschenbach, visitou Outremer especialmente para aprofundar o estudo da Ordem. "É verdade", admitiu ele. "Os Templários possuíam o Santo Graal." Ele foi mais tarde corroborado por Trevrizent, que declarou: "é sabido que muitos formidáveis guerreiros repousam em Munsalvaesche com o Santo Graal".

A verdade provavelmente permanecerá para sempre um mistério, uma vez que os procedimentos dos Templários eram marcados pelo sigilo. Todo membro da Ordem que revelasse os segredos das reuniões dos Templários

era punido com a expulsão. Eram atos proibidos a feitura de cópias das estátuas dos Templários e das regras da Ordem, para não caírem nas mãos erradas. Era esta não mais do que uma aplicação do princípio de que nas épocas de guerra "conversas descuidadas custam vidas"? Ou eles guardavam algum segredo mais sinistro? Muitos de seus contemporâneos acreditaram nesta última hipótese.

Datas e Fatos Importantes

711	Invasão da Península pelos árabes.
1037	Castela e Leão formam um só reino.
1058	O Califado de Bagdá é tomado pelos turcos seljúcidas.
1078	Jerusalém é tomada pelos turcos seljúcidas.
1095	Concílio de Clermont, onde se inicia a pregação da Cruzada pelo papa.
1096	**1ª Cruzada** (1096–1099), exaltada por Pedro, O Eremita.
1113	Fundação da Ordem dos Hospitalários, em Jerusalém.
1118	Fundação da Ordem dos Templários, em Jerusalém.
1147	**2ª Cruzada** (1147–1149), exaltada por São Bernardo, Conrado III e Luiz VII.
1187	Tomada de Jerusalém pelas tropas de Saladino.
1189	**3ª Cruzada** (1189–1192), exaltada por Guilherme, Arcebispo de Tyr.
1202	**4ª Cruzada** (1202–1204), pregada pelo Papa Inocêncio III.
1204	Fundação, pelos Cruzados, do Reino Latino de Constantinopla.
1212	Templários definitivamente expulsos de Jerusalém pelos turcos.
1217	D. Afonso II toma Alcácer com o auxílio dos Templários.
1218	**5ª Cruzada** (1219–1221), executada por Jean de Brienne, rei de Jerusalém.
1228	**6ª Cruzada** (1228–1229), pelo Imperador Frederico II, contra a Palestina.
1244	Conquista de Jerusalém por mercenários do sultão do Egito.
1248	**7ª Cruzada** (1248–1252), por Luís IX, contra o Egito.
1261	Queda do Reino Latino de Constantinopla.
1270	**8ª e última Cruzada** (1270), por Luís IX, contra Tunis.

O julgamento

Era sexta-feira, 13 de outubro de 1307. Um dia fatal para os Templários e lembrado supersticiosamente ainda nos nossos dias como a azarenta "sexta-feira 13". Ao fim da tarde, agentes do rei Filipe IV atacaram e, num assalto fulminante, prenderam e acusaram Templários por toda a França. A data tinha sido escolhida pela coincidência da visita à França de vários líderes Templários, incluindo o próprio Grão-Mestre, Jacques de Molay. Mas quando os agentes entraram no Templo em Paris, sede dos Templários, descobriram que todos os documentos e, mais importante ainda para Filipe, o tesouro tinham sido removidos.

Os agentes também tentaram capturar a frota Templária, a maior da Europa, que estava atracada em La Rochelle, mas uma vez mais se frustrou a intenção. A frota já havia partido. Até hoje, a vasta riqueza dos Templários nunca foi encontrada. Nem tampouco foi descoberto para que porto a frota seguiu ou onde atracou. Os Templários não tentaram se esconder e, na manhã seguinte, vários milhares tinham sido feitos prisioneiros.

Juridicamente falando, essas prisões foram ilegais. Os Templários respondiam unicamente ao papa, mas o papa, Clemente V, devolveu essa condição para Filipe. O rei francês, que transferiu o trono papal de Roma para Avignon, na França, pediu que isso lhe fosse concedido. Filipe esteve também por trás da morte suspeita do papa anterior, deixando assim o trono papal livre para Clemente.

Inevitavelmente, o papa tomou o partido de Filipe, o que possibilitou ataques similares aos Templários por toda a Europa. Todos seriam levados a julgamento, sendo que aqueles que acatavam as acusações levantadas contra eles eram abandonados com uma mísera pensão, deixados na miséria ou ainda como pedintes.

Porém, qualquer um que recusasse era encarcerado para toda a vida. Mais de 120 foram queimados na fogueira. Após as torturas, confissões e execuções, Clemente V aboliu oficialmente a Ordem dos Cavaleiros Templários em 22 de março de 1312.

O Grão-Mestre patriarca, Jacques de Molay, foi um dos que confessou, após anos de tortura e encarceramento. A 14 de março de 1314, enquanto era exibido no exterior da catedral de Notre-Dame, em Paris, para ouvir a sua sentença de prisão perpétua, De Molay fez uma dramática declaração: "penso verdadeiramente" - proferiu ele - "que neste solene momento eu deva proferir toda a verdade. Ante o céu e a terra, e com todos vocês aqui como minha testemunha, eu admito que sou culpado da mais grotesca das iniqüidades. Mas essa iniqüidade foi eu ter mentido ao ter admitido as grotescas acusações emitidas contra a Ordem. Declaro que a Ordem está inocente. A sua pureza e santidade estão acima de qualquer suspeita. Eu admiti de fato de que a Ordem era culpada. Mas unicamente assim agi para evitar contra mim as terríveis torturas. A vida foi-me oferecida, mas pelo preço da infâmia. Por este preço, a vida não vale a pena ser vivida".

Como publicamente negou sua confissão, Jacques de Molay, o último de 22 dos Grandes Mestres da Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, foi queimado vivo antes de um insulto popular em Paris. Enquanto expirava, amaldiçoou o rei francês e o papa. Disse que no prazo de um ano seriam chamados a prestar contas pela perseguição aos Templários. Apenas um mês depois, o papa Clemente V faleceu, aparentemente de causas naturais. A 29 de novembro do mesmo ano, Filipe IV morreu também num acidente com cavalo, enquanto caçava. Teriam assim os Templários poderes ocultos? Teria realmente efeito a praga de Molay?

Os motivos

Mas por que terá tudo isso acontecido? Que fizeram os Templários? Nos julgamentos, eles eram acusados de heresia - de participar em práticas obscenas, cuspindo na imagem de Cristo e adorando ídolos, especialmente uma imagem chamada Baphomet. Eram acusados de bruxaria e de homossexualidade.

Para tentar compreender as razões pela qual os Templários caíram em desgraça, é preciso retroceder no tempo. Já foram citadas as acusações de arrogância e avareza espalhadas pela sua história. Foram fundados com uma nobre causa, a de defender a Terra Santa. Mas a Terra Santa já havia sido tomada. Eles tinham falhado, além de todas as despesas e perda de vidas - e o povo assim julgava.

Argumentavam que os Templários se encontravam demasiado ocupados, tratando dos seus próprios negócios, ou combatendo Ordens rivais, para que pudessem manter uma defesa segura na Terra Santa. Talvez eles tenham até colaborado com o inimigo. Mas este ressentimento era dirigido não só aos Templários, mas também aos Hospitalários e aos Cavaleiros Teutônicos, os quais eram igualmente culpados pela perda de Outremer.

Então que haveria de tão terrível acerca dos Templários para estimular as hostilidades do rei Filipe IV? E isso além do fato de este ter já fortes relações com a Ordem, pois Jacques de Molay era padrinho do seu filho. E quando Filipe se viu confrontado com uma sublevação popular em 1291, em Paris, o rei escolheu o Templo como refúgio. Eram também os banqueiros reais.

Em primeiro lugar, havia a resistência natural a mudanças. Através da sua história, houve chamadas para a unificação com os Hospitalários, no entanto os Templários objetaram sempre. 0 rei da França tinha em mente dar vida à imagem de um rei guerreiro, cavalgando à frente das ordens unificadas, expulsando os muçulmanos da Espanha e da Terra Santa. Via-se como esse rei guerreiro. Sugeriu mesmo ao papa que os reis franceses deveriam ser os Mestres dessa Ordem unificada, com acesso livre aos ganhos extras de todas as Ordens! Isso justifica a constante resistência dos Templários à unificação.

Em 1305, Filipe candidatou-se à Ordem, mas os Templários logo perceberam que um homem com a sua enorme ambição nunca estaria satisfeito enquanto não tivesse posto a mão em tudo. Por isso, rejeitaram a sua candidatura, sem qualquer explicação. Ou seja: com isso, tinham recusado o rei! Como governante de um reino grande e poderoso, Filipe considerava-se quase divino. Como se atreveram os Templários a recusá-lo?!

Para uma satisfatória explicação, contudo, deve-se ter em conta uma razão muito simples: ganância. Filipe encontrava-se quase falido, uma vez que tinha herdado dívidas enormes de seu pai e das guerras contra a Inglaterra e Flandres.

Um dos conselheiros mais próximos do rei, William de Nogaret, sugeriu que a solução mais simples para a crise financeira de Filipe era confiscar o máximo que pudesse da fortuna dos Templários. O desonesto William já tinha sido excomungado em 1304 por ter feito parte na tentativa de rapto do papa Bonifácio VIII. A essa altura, estava meramente cumprindo ordens do rei Filipe.

O rei via-se como o paladino contra a heresia e o purificador do reino. Em 1306, tinha expulsado os judeus da França, com vagas acusações de sacrilégio e bruxaria. Se William pudesse fornecer provas que também os Templários eram heréticos e bruxos e que a fé cristã estava em perigo, então poderia legitimamente atacar. Não eram os Templários, então, notoriamente uma seita secreta? Havia muitas considerações acerca de seu grande segredo. O que era? Para eles, que amealharam tantas riquezas ao longo de dois séculos, supostamente devia ser algo de muito poderoso, talvez mesmo oculto.

William apoiava um rancoroso renegado Templário de nome Esquin de Florian de Béziers, que tinha sido expulso da Ordem. Esquin já tinha se aproximado do rei de Aragão, oferecendo-lhe a venda do grande segredo dos Templários. Ao mesmo tempo, tinha acusado a Ordem de blasfêmia e de todo tipo de práticas escandalosas. William tinha forjado tudo isso. Com a ajuda de Esquin, arranjava maneira de colocar espiões nas Casas Templárias. O cenário estava montado para as grandes detenções. E, como William esperava, para a melhoria das finanças do rei.

Mas o plano falhou. Depois de terminados todos os julgamentos, o sonho do rei francês de pôr a mão no tesouro dos Templários ruiu fragorosamente.

O destino da Ordem

O destino da Ordem dos Templários será tema de discussão ainda por um bom tempo, tendo sobrevivido apenas a lenda dos Templários. Na literatura e nos filmes, são retratados como os guerreiros heróicos dos cristãos que lutam contra forças desconhecidas e do mal.

Fatos da História contribuíram para perpetuar a lenda dos Templários, como por exemplo a maldição de Jacques de Molay direcionada ao rei francês e ao papa antes de ser queimado na fogueira. Uma vez que sua praga era contra figuras ditatoriais de autoridade, ressurgiu à época da Revolução Francesa. Quando os súditos praguejavam contra os donos de propriedades aristocráticos, encomendavam o rei Luís XVI à morte, o que foi visto por muitos como o complemento final da praga de Jacques de Molay. Luís foi o último rei a governar a França.

Em algum lugar da Europa, onde muitos Templários escaparam da perseguição, a Ordem reordenou suas posições.

Os Templários portugueses mudaram simplesmente de nome, como um negócio moderno muda o nome a fim de evitar débitos precedentes. Tornaram-se os Cavaleiros de Cristo, posteriormente famosos pelas suas explorações na África e nas índias ocidentais.

O famoso rei D. Henrique, o Navegador, foi um grande mestre da Ordem, e exploradores como Vasco da Gama e Colombo foram membros. No caso, é sabido que Colombo navegou através do Atlântico com a familiar cruz dos Templários impressa nas velas de suas embarcações. A Ordem de Cristo, então, sobreviveu até 1830.

Na Alemanha, Espanha e outras partes da Europa, onde a perseguição aos Templários não foi tão bem-sucedida, há abundantes indícios de que estes se juntaram a outras Ordens - os Hospitalários ou os Cavaleiros Teutônicos, na Alemanha, ou a Ordens militares locais da Espanha.

Mais misterioso foi o destino dos Templários ingleses, escoceses e irlandeses. Um levantamento foi feito por Michael Baigent e Richard Leigh, no livro lhe Temple and the Lodge. Para esses autores, um expressivo

número de Templários fugiu para o norte, mais precisamente para a Escócia. O rei escocês, Robert the Bruce, era especialmente benevolente para com os Templários e nunca dissolveu a Ordem escocesa. Encontrava-se também desesperadamente necessitado de cavaleiros hábeis para as suas campanhas contra a Inglaterra.

Se a Escócia, porém, foi o destino final desses cavaleiros, juntamente com a sua frota e possivelmente o seu tesouro, o que aconteceu com eles?

Sem dúvida, muitos deles, com o passar dos anos, pura e simplesmente, esqueceram o passado de cavaleiros. Outros, entretanto, podem ter ajudado a fundar a Maçonaria, uma organização semi-secreta, que permeia a sociedade em todos os níveis hoje, que reconhece explicitamente uma linhagem direta dos Cavaleiros Templários. A Escócia era um dos lugares principais onde um tipo particular da Maçonaria Templária, nos seus mitos e rituais, mística em toda a sua orientação, primeiramente despertou e floresceu.

Os Templários hoje

A Maçonaria só foi fundada formalmente em meados do século XVII. Mas no final do século XVII, o visconde de Dundee era ainda o Grão-Mestre dos Templários na Escócia. Além disso, no final do século XVI, havia ainda 500 registros de propriedades pertencentes aos Templários. Parece assim que os Templários e os Hospitalários se fundiram na Escócia. E também sabemos ao certo que os Hospitalários sobreviveram, porque estão entre nós ainda hoje como os Cavaleiros de Malta e da Brigada de Ambulâncias de S. João.

Além dos maçons, existe uma outra organização misteriosa que deve ser mencionada: o Prieuré de Sion. Esta instituição francesa é investigada no livro lhe Holy Blood and the Holy Grail, no qual o autor afirma que essa organização, que existe indubitavelmente, tem uma história antiga, inclusive anterior ao estabelecimento dos Templários. Julga-se que foi esse Prieuré de Sion que fundou originalmente os Templários, com o intuito de restaurar uma linhagem antiga de reis franceses, conhecida como a dinastia dos Merovíngios. E a essa dinastia atribui-se uma linhagem fantástica. Seus membros seriam descendentes diretos do próprio Jesus Cristo!

O livro, publicado em 1982, oferece novas evidências para tornar esse cenário plausível, evidências estas que foram descobertas em documentos originais antigos, na França, numa biblioteca em que as autoridades tentaram arduamente impedir que fossem encontrados. Isso altera toda a nossa compreensão e conhecimento da vida de Cristo como se encontra descrito no Novo Testamento, pois há a hipótese de que Jesus possa não ter morrido na cruz. Segundo a fantástica teoria, ele teria sobrevivido, casado com Maria Madalena e tido filhos. Das crianças de Jesus, surgiram os reis Merovíngios e, através deles, um número de outras famílias reais européias.

Não menos impressionante foi a hipótese de que os antigos líderes da Ordem de Sion incluíam os famosos cientistas britânicos Robert Boyle e Sir Isaac Newton, os escritores franceses Victor Hugo e Jean Cocteau, o artista italiano Leonardo da Vinci, e um número de outros distintos europeus.

A sobrevivência de qualquer ordem anterior à dos Templários até os dias de hoje não seria tão plausível quanto à sobrevivência do Hospitalários. É possível, porém, que haja atualmente pessoas que estejam na posse das tradições e dos segredos dos Templários. Não circulam com armadura de cavaleiro, ou melhor, não registram qualquer diferença em relação aos cidadãos anônimos. Podem ser maçons ou pertencer a alguma casta mais esotérica, encontrando-se talvez uma vez por mês para praticar um ritual mágico. Talvez estejam à espera de uma época em que a cristandade necessite uma vez mais ser defendida de uma ameaça exterior.

O que foi feito do seu tesouro? Será que existe em algum lugar ou foi totalmente dissipado? Existiu de fato um tesouro verdadeiro, dinheiro e valores, ou ele era meramente um tesouro metafórico? Talvez, caso fosse um tesouro mesmo, tenha sido enterrado ou perdido, esperando por uma descoberta acidental de um detector de metais. Ou ainda encontra-se depositado num cofre de um banco suíço, esperando ser posto em uso nos tempos vindouros. Estas são questões que têm intrigado os historiadores, investigadores e afins há quase 900 anos. São também os equívocos para os quais são necessárias respostas. A verdade acerca dos lendários Cavaleiros do Templo irá provavelmente continuar a ser um dos maiores mistérios de todos os tempos.

A organização do templo

O Cavaleiro Templário

Eu os fiz pôr suas mãos entre as minhas e jurar
Vencer os pagãos e apoiar o Cristo.
Domar os desenfreados males humanos,
Não falar nenhuma calúnia, não, nem dar-lhes ouvido;
Conduzir suas doces vidas na mais pura castidade.
(Lord Tennyson)

Existiram duas categorias de Templários: os monges e os leigos, ou

semileigos, que viviam sobre uma regra monacal ou, pelo menos, militar. O corpo de monges cavaleiros foi o que constituiu e seguiu constituindo o núcleo da Ordem. Escavações em cemitérios templários revelaram corpos enterrados diretamente na terra e de boca para baixo, o que faz parte de um ritual de sepultamento dos monges cistercienses ainda praticado em nossos dias: o corpo do monge é fixado sobre uma tábua, com os hábitos cravados nela, e assim é introduzido na sepultura com a boca para baixo. O que essas escavações descobriram eram os restos dos verdadeiros Templários: os monges. Todos eles haviam passado por um noviciado explicitamente imposto pela regra, e de uma duração variável, segundo o critério dos Mestres.

Isso implicava categoricamente que haviam de submeter-se a um ritual iniciático. Aos Cavaleiros do Templo destinados à milícia era exigido que fossem nobres, nascidos nos seios de boas famílias e não bastardos. Estes serviam à Ordem do Templo como uma espécie de irmãos leigos, seja por um tempo determinado, seja por toda vida. Não pronunciavam os votos, mas guardavam promessas de obediência, de não possuir nada em sua propriedade, de respeitar os bons usos e costumes da casa, de guardar a Terra Santa e proteger os cristãos peregrinos.

Cavaleiros monges e cavaleiros leigos prestavam seus serviços com um mesmo uniforme, sem que nada pudesse distingui-los. Combatiam juntos, comiam juntos, usavam as mesmas armas, mesmos cavalos. Dessa forma se manifesta a dualidade sobre a que se edificou toda a organização do Templo.

Além dos cavaleiros, a Ordem possuía um corpo de autoridades: os sargentos, constituído pelos nobres que serviam no Templo. Era possível que um sargento pudesse chegar a noviço e depois a cavaleiro monge. Combatiam a cavalo como os cavaleiros. A maior parte dos administradores da ordem eram sargentos com o título de comendador.

A regra do Templo determinava o uso de dois tipos de hábito, segundo a categoria: capa branca para os cavaleiros e capa parda para os sargentos.

A cruz templária, encontrada nos escudos de armas dos Grandes Mestres e nos selos, é um signo derivado da cruz celta, geometricamente composta por linhas curvas, ainda que, às vezes, traçada com ângulos

vivos. Originalmente, a cruz era levada no ombro direito. Nos últimos tempos da Ordem, e segundo os regulamentos da época, a cruz era levada no peito e na espádua dos cavaleiros, dos sargentos e dos capitães. Não implica que não se levasse a cruz no ombro direito na capa.

O Templo se dividia em duas classes:

Classe I	Classe II
Capelães Cavaleiros monges Sargentos de armas Irmãos de ofício	Cavaleiros seculares Sargentos de serviço doméstico Servos de exploração das terras

Desincumbiam-se de suas missões tal e qual os militares, de uma outra segundo as necessidades do serviço. E também, como os militares, podiam ser enviados à Terra Santa e obedeciam a uma disciplina geral. Os servos e os exploradores de cada território constituíam uma mesnada de trabalhadores, capatazes e servos, com uma organização variável segundo as regiões e seus costumes.

Em suas origens, a Ordem havia sido dividida em duas partes que se imbricavam constantemente, ainda que permanecessem distintas: oriente e ocidente. No oriente, o templo era um exército em campanha, enquanto no ocidente constituía um fator de civilização e pacificação. De novo, a dualidade.

A unidade dentro da Ordem jamais se quebrou, devido ao núcleo de monges iniciados, do qual tomavam parte o Grão-Mestre, os Visitadores e os Mestres Regionais que ordenavam a política geral e cuidavam da manutenção da regra e da disciplina.

Composição da casa do Grão-Mestre

Ao Grão-Mestre, representante de Deus na religião do Templo, Abade Geral da Ordem e Comandante Supremo e que dispunha de quatro cavalos de marcha e de um corcel de batalha, juntavam-se:

•Senescal: chefe do Estado Maior;

•Marechal: responsável pelas armas e pelos cavalos;

•Cavaleiros de Nobre Reino: capitães de Estado Maior;

• Irmão;

•Capelão;

•Clérigo: com três cavalos correios;

•Irmão Sargento;

•Escrivão sarraceno;

•Intérprete;

•Servos: soldado indígena, ferreiro, cozinheiro e dois jovens a pé.

O estandarte da Ordem era metade branca e metade negra. Na batalha, o estandarte era o pavilhão principal. No acampamento, era desfraldado sobre a tenda do Grão-Mestre. É possível que o campo partido do estandarte, em branco e negro, tivesse uma significação esotérica, segundo a dualidade sempre presente nos assuntos da Ordem. Era, antes de qualquer coisa, uma bandeira de combate.

Um Conselho Geral, chamado Capítulo, decidia os destinos da Ordem.

Não se sabe muito bem como era composto, mas parecia ser formado pelos altos dignitários e alguns capelães, que eram chamados à Palestina para a ocasião. 0 Capítulo elegia o Grão-Mestre.

A célula básica de toda a organização templária no ocidente foi a Comenda, administrada por um comendador. As Comendas eram granjas com certo ar militar e um tipo de construção própria do Templo. Com freqüência, fora dos muros existia um hospital e uma leprosaria. A reunião de diversas Comendas formava uma Bailia. Nas Bailias, era onde se reuniam os Capítulos regionais e onde eram recebidos os novos membros.

Por seu turno, as Bailias se articulavam sob a direção de Casas Provinciais e a união destas formava uma Província. Existiram nove Províncias: três simples e seis duplas: Portugal, Aragão, Mallorca e Castela-Leão; França e Aubernia; Inglaterra e Irlanda; Alemanha e Hungria; ambas Itálias, alta e baixa; Pouille e Sicília. As Províncias simples encontravam-se em contato com os muçulmanos.

Não só as Bailias, mas também cada Comenda, tinha sua casa irmã, o que consiste na aplicação de uma filosofia dualista da existência e da ação. Cada par de cavaleiros, Comendas e Bailias representavam os dois aspectos de uma mesma coisa. Essa dualidade, por acaso, não é a mesma da construção gótica, cujo arco só se mantém pela força dos arcobotantes opostos frente a frente?

A Ordem do templo

No século XI, tornaram-se moda as peregrinações a lugares sagrados, especialmente a Roma, a Santiago de Compostela e aos Lugares Santos onde transcorreram a vida, paixão e morte de Jesus Cristo. A mais alta meta de um peregrino consistia em viajar a Jerusalém para prostrar-se no santuário que abrigava o Santo Sepulcro.

A Terra Santa estava sob o domínio dos califas abácidas de Bagdá. Estes, ainda que professassem a religião islâmica, não viam inconveniente em respeitar e favorecer as peregrinações cristãs em seu território, uma vez que os visitantes lhes pagavam ingressos. Porém, pela metade do século, os belicosos e intolerantes turcos seljúcidas se apoderaram de toda a região.

Resgatar a Terra Santa dos infiéis e restabelecer a segurança nas rotas de peregrinação foi uma desculpa. As verdadeiras causas das Cruzadas foram sociais, políticas e econômicas. O fator religioso foi simplesmente um pretexto para arrastar à guerra santa a uma multidão de pessoas de toda condição social, fascinada pela empresa de ganhar para a fé de Cristo os Santos Lugares.

Em 18 de novembro de 1095, começaram as sessões do Conselho que o papa Urbano II havia convocado em Clemont (França). O papa prometeu remissão de todos os pecados àqueles que se alistassem em uma peregrinação armada para resgatar das mãos dos infiéis os Lugares Santos. O Conselho sancionou a Cruzada. Os peregrinos traziam sobre o ombro direito de seus mantos ou túnicas o distintivo de uma cruz de pano vermelho e, por este motivo, foram chamados Cruzados e as expedições que os conduziram ao Oriente, de Cruzadas.

Em 15 de julho de 1099, três anos depois da partida, os Cruzados alcançavam seu principal objetivo: apossavam-se, depois de cruel assé dio, da cidade sagrada de Jerusalém. Foi parcialmente repovoada e se converteu em capital de um reino cristão de estrutura feudal similar ao francês. Com a conquista de Jerusalém, ficava livre o caminho tradicionalmente seguido pelos peregrinos e penitentes que acudiam para adorar o Santo Sepulcro. Ficava também aberta a rica rota de mercadorias.

O domínio cristão sobre os Lugares Santos tornou-se muito precário. A estreita faixa de terra, rodeada por um oceano de muçulmanos hostis, por diversos fatores foi mantida pela Cristandade. Entre esses fatores, pode-se destacar que, segundo os historiadores, foram realizadas oito Cruzadas. Os cristãos se mantiveram na Terra Santa somente graças ao esforço das ordens monásticas criadas expressamente para combater, principalmente os Hospitalários, os Templários e os Teutônicos.

O rei de Jerusalém, encurralado pelos mil problemas de seu reino, não estava em condições de enfrentar o trabalho de policiamento que a situação reclamava. Em 1115, um piedoso cavaleiro francês chamado Hugues de Payens, e seu companheiro, Godofredo de Saint-Omer, flamengo, conceberam o projeto de fundar uma ordem monástica consagrada à custódia dos peregrinos e à guarda dos incertos caminhos do reino: a Ordem dos Pobres Soldados de Cristo.

Os primeiros efetivos da Ordem foram sete cavaleiros franceses. O grupo havia jurado, ante o patriarca de Jerusalém, os votos monásticos de castidade, pobreza e obediência, e o rei de Jerusalém, Balduíno II, concedeu-lhes aposentos nas mesquitas de Koubet al-Sakhara e Koubet al-Aksa, situadas sobre o solar do antigo Templo de Salomão. Por esse motivo, a Ordem se chamaria, com o tempo, Ordem do Templo, e seus membros, Templários.

Após poucos anos da fundação de sua ordem, Hugues de Payens sentiu a necessidade de ampliá-la e consolidá-la, outorgando-lhe alguns estatutos. No outono de 1127, regressou à Europa com cartas de recomendação do rei Balduíno II.

A incipiente ordem despertou o entusiasmo de um dos eclesiásticos mais prestigiados da Cristandade, São Bernardo de Claraval, o reformador do Mosteiro de Cister. Para São Bernardo, "Os Templários podem lutar os combates do Senhor e certos de que são os soldados de Cristo..."

A missão de Hugues de Payens no Ocidente teve êxito. Depois da calorosa aprovação de sua ordem, no Conselho de Troyes, foi recrutada grande quantidade de cavaleiros. Os efetivos humanos do Templo cresceram e foram determinando uma hierarquização de categorias e uma especialização nos ofícios. Os cavaleiros professos constituíam uma minoria

seleta. O resto da Ordem estava composto por capelães, irmãos de ofício, sargentos de armas, artesãos, visitadores e inclusive associados profanos. À frente de todos eles estava a autoridade superior do Grão-Mestre, eleito por um conselho geral na casa-mãe da Terra Santa.

As origens da Ordem

Em 1118, pronunciaram seus votos de pobreza, castidade e obediência, ante o Patriarca de Jerusalém, os nove cavaleiros enviados à Terra Santa com a missão de proteger os peregrinos vindos da Europa. O rei Balduíno concedeu-lhes os primeiros bens materiais e seu primeiro lugar de residência, uma parte de seu palácio, pegado ao Templo de Salomão e Al-Aqsa. Os primeiros Templários estabeleceram seu templo no Monte Moria, no Domo da Rocha ou Mesquita de Ornar, de onde se originou o nome:

"Templarü milites fratres templi pauperes commilitones Christi templique salomonici."

Estes nove fundadores foram: Hugues de Payens; Godofredo de Saint-Omer; Godofredo Bisol; Payén de Montdidier; Archembaud de Saint Aignant; Andrés de Montbard; Gondemar; Hugues de Champagne; e Jacques de Rossal.

É evidente que Bernardo de Claraval não enviou Hugues de Payens nem seu tio Andrés de Montbard para que custodiassem os caminhos. Esta tampouco era a razão para que Eustaquio de Bolônia e Hugo de Champagne abandonassem tudo e se reunissem com os nove cavaleiros no Templo de Salomão.

Durante os anos 1118 e 1128, não participaram de batalha alguma. Por mais que apreciassem o perigo, eles se abstiveram de participar dos combates. Continuaram sós e não recrutaram ninguém, envolvidos na ocupação do Templo de Salomão. E o que fizeram foi descobrir as cavalariças subterrâneas. Este mistério tem uma só chave: os nove cavaleiros não chegaram só para proteger aos peregrinos, mas também para encontrar, guardar e levar algo particularmente importante, particularmente sagrado, que se encontrava no templo: a Arca da Aliança e as Tábuas da Lei.

Crê-se que as Tábuas da Lei são a "fórmula do Universo" e que, tiradas do Egito, estavam em poder dos construtores de catedrais. O Santo Graal sempre fora considerado como a "taça do saber", ou seja, ir em busca das

Tábuas da Lei era precisamente, para os nove enviados por São Bernardo, conquistar o Graal.

No ano 1128, a maior parte dos nove cavaleiros voltaram a Champagne. Ficaram na Palestina três cavaleiros, um efetivo pequeno demais para proteger os caminhos... Haviam cumprido a missão? Encontraram a arca? Sendo secreta a missão, também o era seu êxito ou seu fracasso. Se houve fracasso, teriam voltado tantos?

Houve uma ascensão muito rápida, resultando num poder extraordinário da Ordem do Templo, que a tradição atribuiu precisamente à posse das Tábuas da Lei. Hic dimittiturArcha Cederis ("Aqui está depositada, agirás segundo a Arca" - inscrição visível no portal norte da catedral de Chartres).

As regras da Ordem

Bernardo de Claraval fez convocar o Conselho de Troyes, em 1128, para a fundação de uma ordem monástica, dando-lhe uma dimensão universal. No Conselho, Hugues de Payens expôs seu desejo de fundar uma ordem de monges soldados, cujo primeiro núcleo seria constituído por seus companheiros do Templo. O Conselho concordou e encarregou São Bernardo de elaborar a definitiva Regra da Ordem do Templo, com seus 72 artigos. No preâmbulo da Regra, manifesta-se que uma primeira missão já havia sido cumprida. Todo o tom era o do Te Deum de ação de graças.

A Regra estabelecida por São Bernardo era monacal e essencialmente cisterciense. Aos nove cavaleiros era imposto o hábito de cor branca, e negro para os postos inferiores e para os escudeiros. A cruz vermelha, que figuraria no ombro direito, seria concedida pelo papa Eugênio III, em 1145. A partir daí se produz uma autêntica eclosão, que projeta a Ordem do Templo por toda a Europa e a Palestina de uma forma incessante, demolidora, criadora, mas paulatina, sem pular nem uma só etapa do crescimento criativo.

O recrutamento iniciou-se em seguida, pois Hugues de Payens já chegou à Inglaterra recrutando soldados para Jerusalém. Foram muitos os que tomaram a cruz e se puseram a caminho da Terra Santa, dentre os quais se destaca Godofredo de Saint-Omer, que percorreu a região de Flandres. Em 1130, Hugues de Payens entrou em Jerusalém com um verdadeiro exército recrutado no Ocidente:

`Apareceu uma nova cavaleira na terra da encarnação. É nova, digo, e todavia não foi posta à prova no universo em que ela desenvolve um combate duplo: por um lado, contra os adversários da carne e do sangue; e por outro, nos céus, contra o espírito do mal. E não me parece maravilhoso, porque não o encontro estranho, que esses cavaleiros se enfrentem aos inimigos corporais com sua força corporal. Mas que combatam com a força do espírito contra os vícios e os demônios. Isso não só chamarei de maravilhoso, senão digno de todas as bênçãos devidas aos religiosos...

Vão e vêm a um sinal de seu comandante; vestem-se com as roupas que

lhes são proporcionadas, e não buscam outra vestimenta nem outro alimento... Desconfiam de qualquer excesso no comer e no vestir... Vivem juntos, sem mulheres nem filhos... Vivem sobre um mesmo teto sem possuir nada em propriedade, nem sequer a vontade... Nada é inferior entre eles, sendo que honram ao melhor, não ao mais nobre...

Raspam o cabelo... raramente se lavam e sua barba é hirsuta; cheiram a suor, e vivem sujos por causa de suas armaduras e do calor... Entre eles há malvados, ímpios, ladrões, sacrílegos, assassinos, perjuros, adúlteros... Com o que há uma dupla vantagem: o país se livra de semelhantes indivíduos enquanto no Oriente serão bem recebidos por causa dos serviços que ali podem prestar.`

Os soldados e as doações continuaram afluindo. Havia sido desencadeada a paixão pela cavaleira monacal. A Ordem tornou-se rica, ou melhor, riquíssima: no Oriente, por causa do butim das armas; e no Ocidente, pelas doações que vinham de toda parte. Calcula-se que, em 1270, os Templários possuíam, na França, cerca de mil Comendas, assim como inumeráveis Granjas. Em 1307, é possível que já tivessem dobrado esse número.

Apesar de sua unidade, a Ordem dividiu-se em dois sistemas diferentes de organização: milícia e comendas, no Oriente e no Ocidente. No Oriente, a Ordem era um exército preparado para o combate; no Ocidente, uma organização monacal, cujos membros andavam armados, ainda que só para defender-se. Não participaram jamais de uma batalha nem de uma guerra, no Ocidente, salvo contra os muçulmanos na Espanha e em Portugal. A organização da Ordem no Ocidente é difícil de ser entendida com poucos cavaleiros apenas. O recrutamento efetuado por Hugues de Payens proporcionou soldados, mas não administradores. Ao partir, em 1130, o Oriente não teve tempo para organizar as nove Províncias ocidentais.

Payen de Montdidier ficou como mestre da França, e Godofredo Bisol em Llenguadoc e nas outras Províncias. Crê-se que já havia homens preparados para este mister, o que evidencia que, neste caso, se deva admitir que a Ordem havia sido fundada com antecedência e em segredo, na França, e que seus fins e seus meios haviam sido previstos com grande antecipação. Uma prova pode ser o fato de que a Ordem havia recebido doações antes de sua fundação, antes do regresso dos nove cavaleiros. É

forçoso admitir que a Ordem do Templo existia antes de sua fundação oficial, ou seja, que foi desejada, concebida e preparada. E é evidente que São Bernardo foi um de seus mestres, até mesmo seu primeiro Grão-Mestre.

De uma maneira ou de outra, a Ordem do Templo está intimamente unida a três classes de interesses: a cultura, o comércio e a arquitetura religiosa. Em 1147, o Grão-Mestre da Ordem, Everardo de Barré, uniu seus Templários ao exército do rei Luís, para atacar Damasco. Em 1158, vê-se uma maturidade na tomada de decisões por parte do Templo ao negar-se atacar o Egito, por se tratar de uma missão altamente arriscada e insegura. É de se destacar a estranha aliança levada a cabo entre os Templários e a Seita dos Assassinos.

Símbolos e segredos Templários

Os Templários foram grandes mestres na arte da criptografia, um alfabeto secreto que se supõe utilizavam em suas transações mercantis e em documentos secretos. As letras desse alfabeto particular eram representadas com ângulos e pontos, determinados pela cruz, e podiam ser lidos com o uso de um medalhão portado por alguns cavaleiros.

No templo de Jerusalém, onde instalaram sua primeira casa, encontrariam a Arca da Aliança e as Tábuas da Lei, que codificavam os conhecimentos transmitidos pelos egípcios a Moisés. Com essa bagagem, os Templários puderam ser os artífices secretos do renascimento cultural que se observa na Cristandade do século XIII, os impulsores das catedrais góticas por toda Europa, e os pré-colombianos descobridores da América.

Há uma teoria pela qual o Grão-Mestre da Ordem fazia dupla com um grande mestre oculto, um Grão-Mestre secreto da Ordem que não era eleito, mas designado testamentariamente pelo Grão-Mestre oculto precedente; esse Grão-Mestre seria o Grande Iniciado e o Diretor real do Templo.

Esse segredo e essas lendas deram ensejo para que fosse inventada a acusação de ligação dos Templários com um ídolo chamado Baphomet, utilizado como argumento para condenar os Templários. Não se sabe seu significado com exatidão, nem sua origem, nem sua função ritual. O suposto ídolo era muito bem guardado, e, de acordo com as descrições que se oferecem, era diferente segundo cada lugar.

Fala-se de uma cabeça ou busto andrógino, venerado pelos irmãos da Ordem. Para a maioria, tratava-se do busto de um homem bar budo, às vezes bifronte e até trifronte, de madeira ou metal e com os olhos muito brilhantes.

Possivelmente, o símbolo fazia referência ao hermetismo alquímico, e representaria a união do enxofre e do mercúrio filosofal, considerados como os elementos masculino e feminino na consecução da Grande Obra.

Com toda certeza, era o "ídolo" ao qual atavam o cordão, que se utilizava como cinturão nos hábitos de quase todas as ordens monásticas e estava relacionado com o voto de castidade. No portal da igreja de Saint-Méry, no bairro templário de Paris, vê-se um diabo barbudo, com chifres e asas, meio animal e meio mulher. Diz a tradição que é um bafomet, mais precisamente o Baphomet dos Templários.

As lendas

Durante séculos, circulou a lenda de que os Templários praticavam a alquimia e que haviam descoberto a pedra filosofal. O ideal da alquimia, que é uma ciência essencialmente religiosa, está relacionada à obtenção de ouro.

No Oriente, os Templários só puderam adquirir aquela ciência através dos sufis persas, que por sua vez a haviam adquirido de documentos egípcios e, sem dúvida, da famosa biblioteca de Alexandria antes que Ornar a incendiasse.

Em numerosos detalhes arquitetônicos e relevos encontram-se símbolos que indicam práticas alquímicas por parte da Ordem.

A tradição esotérica ensina que o número está no princípio do Ser sobre o triplo plano divino, natural e humano. O três, o símbolo do mistério ou a Trindade, era o número templário, e o triângulo, a figura geométrica base de suas construções. O número três ou o nove está presente em rituais de iniciação e em suas atuações cotidianas. Os números simbólicos encontram-se também em todas as construções templárias. Por exemplo, na Igreja do Templo, em Paris, a casa central da Ordem. A base da construção é gerada por triângulos eqüiláteros de sentidos opostos que formam uma estrela de seis pontas, relacionada com o selo de Salomão.

Para atuar sobre o povo, obra civilizadora, era necessário um instrumento novo. O gótico apareceu no tempo do regresso dos nove primeiros cavaleiros. Os Templários, alquimistas, levantaram a catedral "à maior gloria de teu nome, Senhor".

Os construtores, e com maior razão os projetistas, haviam de possuir algum documento científico de uma qualidade excepcional; por lógica, aquele documento não podia ser outro senão as Tábuas da Lei, trazidas pelos nove cavaleiros do Templo. Mais que a transmutação dos metais, o que lhes importava era a transmutação humana que pretendiam operar no cadinho que foi a catedral, como o havia sido o Templo de Salomão.

Três eram as missões que teriam sido encomendadas aos Templários, as

quais foram propostas por São Bernardo: encontrar a Arca de Moisés; promover a Civilização Ocidental; e construir o Templo.

A França Templária

Pode-se estabelecer um mapa das posições templárias, com o auxílio do Marquês de Albon. Distinguem-se duas zonas principais e de uma densidade pouco mais ou menos equivalente na divisão das partes conhecidas e importantes: o quarto noroeste da França e, ao sul, o contorno do Mediterrâneo. Na zona norte, é evidente que o Conselho de Troyes atribuiu um papel determinante, já que as posições do Templo de Champagne se estenderam em muito poucos anos à Ilha de França, a Picardia, ao Artois, a Flandres e ao Condado Franco. Não é menos certo que na zona provençal, no Roselón e nos Pirineus a proximidade dos sarracenos acelerou enormemente as doações: a vigilância templária e seus contingentes imediatamente disponíveis eram de utilidade pública.

Nas demais regiões, podemos constatar que as posições são mais numerosas ao longo das grandes vias de comunicação e dos caminhos seguidos pelos peregrinos, sobretudo os que se dirigiam a Santiago de Compostela. É o caso de Touraine, de Poitou, de Saintonge e do vale do Ródano. Porém, mais freqüentemente, a implantação do início de uma Comenda não era o resultado de uma eleição deliberada, mas de uma doação generosa que, em seguida, cobrava um valor exemplar e que provocava uma piedosa emulação.

Pela metade do século XIII, a rede de Comendas alcançava praticamente toda a França, articulada a partir das Bailias. Os Templários estavam presentes em todos os caminhos de importância, além de estarem também instalados nos portos: La Rochele, no Atlântico, e Marselha, no Mediterrâneo. Seis grandes rotas partem de La Rochele e se irradiam sobre França:

•La Rochele-Saint-Vast-la-Houge-Barfleur, com todos os caminhos adjacentes para a costa atlântica de Bretanha;

•La Rochele-Bahía de Somme, por Le Mans, Dreux, Les Andeys, Gournay y Abbeville;

•La Rochele-Las Ardenas, por Angers, a região parisiense e a alta

Champagne.

•La Rochele-Lorena, por Pathenay, Chatelerault, Preuilly-en-Berry, Gien e Troyes. Rota cruzada desde Preuilly até o bosque de Elthe, por Cosnes;

•La Rochele-Ginebra, por e sobre Poitou, a Marca e Mâconnais, com desvio desde Saint-Pourçain-sur-Sioule para Chalon e Besaçon;

•La Rochele-Valence de Rhône, por sobre Angoumois, Brive, Cantal e Le Puy, cruzada por outra rota que une La Rochele com Saint-Vallier, por Limoges, Issoire y Saint-Étienne.

Seria necessário acrescentar uma rota que vai para Bordeaux e, por ali, chegar à via do Atlântico e de Narbona. Cabe perguntar-se que importância teria La Rochele, uma cidade da que não se havia ouvido falar até então. Está claro que o porto de La Rochele representava um interesse particular para o templo ou, pelo menos, para sua frota, que se entregou ali a uma atividade desconhecida.

O Templo possuía uma frota marinha muito importante: é certo que teriam uma frota em Mallorca e outra em Portugal. Juan de La Varende, um historiador sumamente minucioso e perfeitamente documentado, explica em Les Gentilshommes que os Templários iam com regularidade à América e, dali, das minas que ali exploravam, importavam não ouro, mas prata. E por isso surgiu o ditado "ils avaient de l'argent", ou "eles tinham a prata". Outra série de lendas provam que os Templários conheciam a América antes de ela ser descoberta por Cristóvão Colombo.

A moeda de prata era muito rara na alta Idade Média, sendo que o que se cunhava era, sobretudo, ouro e bronze. No Oriente, a prata tinha mais valor que o ouro, e, no final da Idade Média, no câmbio, a moeda corrente era a de prata. Na Europa, havia poucas minas de prata, exceto na Alemanha, porém por que então estas não eram exploradas? Na Rússia também havia, porém o desconheciam. Então, de onde saiu a prata? Portanto, é certo que nem o Oriente nem o Ocidente tinham prata ou, se tinham, era pouca. Por isso, é preciso recorrer necessariamente ao porto de La Rochele, como entrada da frota templária, procedente de América, com carregamentos de prata, possivelmente das minas de Yucatán.

A casa do Templo de Paris converteu-se em sede da Província da França e foi durante alguns anos a residência do Mestre da Ordem, quer dizer, a Casa-Mãe até a queda de São João de Acre. Em primeiro lugar, por sua situação e domínios, era a primeira Comenda francesa e, além disso, possuía na vila o vasto Recinto do Templo, com ruas inteiras, o qual estava rodeado de muralhas e em seu centro erguia-se o poderoso torreão. Cabe perguntar-se, ao examinar essa poderosa fortaleza, por que a edificaram os Templários. Como seus mais fortes castelos na Terra Santa e talvez superior. A única explicação lógica é que a grande Comenda parisiense era a banca central da Ordem, ao mesmo tempo em que o depósito habitual do tesouro real: uma espécie de precursora do Banco da França.

O torreão, da segunda metade do século XIII, era uma grossa torre quadrada, flanqueada em seus ângulos por quatro torres e coroada por um grande teto piramidal coberto de telhas. Tinha 50 metros de altura e 19,50 metros de longitude, além de muros de 2,27 metros de espessura, ou seja, o diâmetro de suas torres ultrapassava os cinco metros. Este imponente edifício dividia-se em quatro plantas, sem contar com a planta superior, que constituía um corredor para a ronda.

No século XIII, a capela da Comenda, construída como réplica do Santo Sepulcro de Jerusalém e abóboda em forma de "umbela", havia se convertido em uma igreja muito importante, graças a uma série de anexos e ampliações. A atividade bancária e sua especialização exemplar nesse campo é o que singulariza a Casa de Paris. Os contadores do Templo igualavam-se aos banqueiros em astúcia e em conhecimentos, acrescentando-se uma obrigação de probidade a que estes últimos não estavam sujeitos. O tesoureiro do Templo assumia com agrado as delicadas funções de conselheiro financeiro dos reis da França.

O que mais se admira na organização templária talvez seja o que se chamou de invenção da grande banca. O Templo de Paris conservava o tesouro real, quer dizer, o aporte dos impostos. Uma clientela cada vez mais numerosa confiava ao Templo depósitos importantes de dinheiro ou jóias. A originalidade dos Templários, em relação a outras comunidades, foi imitar os banqueiros italianos, ao proporcionar ao dinheiro mobilidade e possibilidades que ainda não tinha. Quando um cliente depositava uma soma no Templo de Paris, ele abria uma espécie de conta-corrente. A clientela estabelecia mandatos de pagamento, cuja redação, cada vez mais

resumida e lapidar, lembra os cheques. Esses mandatos eram pagáveis em qualquer das Comendas que a Ordem possuía.

Prisão e julgamento dos Templários

Em 1291, os muçulmanos conquistaram São João de Acre, última cidade cristã da Terra Santa. A queda do último bastião cristão acarretou um certo desprestígio para as ordens militares, particularmente para os Templários. Se a função primordial das ordens consistia em proteger os peregrinos na Terra Santa, que necessidade havia de manter aquelas poderosas e ricas organizações? A situação dos Templários era muito delicada. O Templo havia sido fundado exclusivamente para escoltar os peregrinos que caminhavam desde Jafa até Jerusalém.

O Grão-Mestre da Ordem do Templo, Jacques de Molay, e o Capítulo Geral no Chipre, agora sua base mais avançada em Ultramar, esperavam a ocasião para reconquistar a Terra Santa. No Ocidente, o magno edifício da Ordem parecia sólido, apesar de que a disciplina e o zelo dos irmãos se haviam relaxado bastante nos últimos tempos. Apesar de sua grande riqueza, seu poder militar e sua numerosíssima lista de propriedades, faltava-lhe um objetivo mais nobre.

Reinava na França Filipe, o Belo, "o rei de ferro". Este homem inteligente e astuto, ambicioso e maquiavélico, estava completamente arruinado. Para melhorar sua situação econômica, tentou de tudo: alterar a moeda, limitar os benefícios da Igreja, explorar os judeus, espremer a banca lombarda, derrubar a moeda... E o fez com o controle da Igreja, ao ter completamente sob seu domínio aquele que seria o novo papa, Bertrand de Goth, o bispo de Comminges. Nasceu assim um novo Papa, Clemente V, coroado em Lion, em 15 de novembro de 1305. Controlar o poder e os bens da Ordem do Templo era difícil, mas não impossível, posto que os Templários estavam subordinados ao papa e este o estava, virtualmente, a Filipe, o Belo, desde que acedera transferir a Santa Sé para Avignon.

Filipe IV prosseguia com suas artimanhas: tentou introduzir um de seus filhos na Ordem, para que chegasse a Grão-Mestre; e tentou fundir o

Templo e o Hospital, porém Jacques de Molay se opôs ao projeto em um memorando apresentado ao papa, o que o irritaria profundamente. A partir desse momento, tramou-se o plano para o fim da Ordem do Templo.

Clemente V mandou vir, de Chipre, Jacques de Molay, em 1306. O Grão-Mestre não estava preparado para o que viria a seguir nem soube avaliar o quão próximo estava do desastre. Sem a menor precaução, apresenta-se em Paris, acompanhado de alguns grandes oficiais da Ordem e com uma importante remessa de ouro e prata, que constituía uma boa parte do tesouro da Ordem. São recebidos faustosamente pelo Rei que, em seguida, pede um novo préstimo aos Templários que o concedem imediatamente.

Um antigo membro, Esquin de Floyrac, um homem ressentido que havia sido expulso da Ordem, foi a Jaime II, de Aragão, com horríveis denúncias contra os Templários. Como o aragonês não lhe concedeu o menor crédito, marchou para a França para repetir as acusações ante os juristas do Conselho Real. Filipe, o Belo, e seu calculista chanceler, Guilherme de Nogaret, o escutaram, interessados. Não lhes foi difícil dar com outros antigos Templários expulsos da Ordem e dispostos igualmente a difamá-la.

Os Templários estavam confiantes e não tomaram medidas de proteção, e pode-se dizer que a negligência de Jacques de Molay foi criminosa e fizeram-no pagar muito caro por isso. Em 14 de setembro de 1307, circulou a ordem de prender todos os Templários da França. Na ordem de detenção dos Templários, sugeria-se aos oficiais do rei a prática de tortura para que os réus confessassem as acusações. O questionário da acusação foi estabelecido nos seguintes pontos: que renegavam a Cristo e cuspiam sobre a cruz na cerimônia de admissão à Ordem; que nessa cerimônia eram trocados beijos obscenos; que os sacerdotes da Ordem omitiam as palavras da Consagração; que praticavam a sodomia; e que adoravam ídolos.

A ordem de detenção levava a chancela do inquisidor da França, Guillermo de Paris, casualmente o confessor do rei. Os interrogatórios foram de diferente classe: o Grão-Mestre e oficiais da cúpula templária eram interrogados com sibilina sutileza, com diálogos violentos e, às vezes, com a tortura; e, para o resto dos Templários, o nível de aplicação da tortura foi brutal e sistemático, confessando tudo o que se pedia, confissões estas que foram extensamente difundidas. Os que preferiram a morte à

desonra ou não suportaram a tortura, foram feitos desaparecer discretamente.

Jacques de Molay, após sete anos de encarceramento e torturas, declarou sua culpa de todas as acusações apresentadas e concordou em fazê-lo publicamente. Enviou cartas a todos os prisioneiros, recomendando a confissão, traindo aparentemente os Templários prisioneiros e deixando-os sem um apoio moral para defender sua inocência. O Conselho de Viena determinou a sorte dos Templários processados e, em 18 de março de 1314, o Grão-Mestre foi conduzido, junto com outros notáveis da Ordem, ao átrio da Catedral de Paris. Naquele marco solene, o tribunal ditou a sentença e a condenação, que condenava à prisão perpétua a Jacques de Molay e os outros grandes dignitários Templários. A reação do Mestre, que havia negociado uma pena leve em troca de suas confissão, declarou que as heresias imputadas aos Templários eram completamente falsas e que a Ordem do Templo era santa, justa e católica.

Naquela mesma tarde, Jacques de Molay e outros 36 Templários foram queimados na fogueira, em uma ilha do Sena:

"O Grão-Mestre, quando viu a fogueira preparada, despiu-se sem titubear, ficando de camisa. Manietado, levaram-no ao poste e ataram-lhe as mãos com uma corda. Disse, então, suas últimas palavras: `Ao menos deixem-me juntar um pouco as mãos para orar a Deus, já que vou morrer. Deus sabe que morro injustamente. Estou convencido de que ele vingará nossa morte. A vós, Senhor, rogo que volteis para mim o rosto da Virgem Maria, Mãe de Jesus Cristo'. Foi-lhe concedido o que pedia e morreu decemente nessa atitude, deixando maravilhado a todos."

Diz a lenda que, antes de morrer, De Molay teria sentenciado que seus acusadores o seguiriam em menos de um ano. Lenda ou não, o papa Clemente V faleceu apenas transcorrido um mês da morte do Grão-Mestre e oito meses mais tarde o seguia à tumba Filipe IV, o Belo. A mesma obscura sorte ocorreu ao chanceler Nogaret. Enguerand de Marigny, o sinistro ministro de finanças do rei, morreu enforcado no ano seguinte, e Froyrac, o traidor, morreu apunhalado. De um modo ou outro, todos os atores desse drama desapareceram do cenário, como se o grito de Jacques de Molay, pedindo vingança, tivesse sido escutado no mais profundo do Cosmos.

As reações dos monarcas das diferentes Províncias Templárias foram muito diferentes e em nenhum caso se deu o trato criminal que lhes deu Filipe IV. Ao contrário disso, os Templários não foram molestados em seus reinos até que estivesse muito avançado o processo na França, já que ninguém acreditava nas nauseabundas calúnias do rei francês. Na Inglaterra, os Templários foram sentenciados à pena de prisão perpétua, segundo o Conselho de Londres, cumprindo-a na paz e na intimidade dos claustros, sem a menor violência. Na Itália, houve uma controvérsia maior, pois utilizou-se a tortura e surgiram confissões. Os Conselhos de Rarena e Pisa concordaram, porém, com a inocência dos Templários. Em Portugal, os membros da extinta Ordem do Templo foram acolhidos pelo rei Diniz em uma nova Ordem, chamada Ordem de Cristo, que mantém sua existência até nossos dias. Na Alemanha, organizou-se o Sínodo de Maguncia, que ditou a sentença. Os Templários alemães se dispersaram pelo mundo, sendo que a maioria encontrou fraternal acolhida na Ordem Teutônica. Na Espanha, segundo as diferentes regiões, há que se distinguiu diferentes resultados. Jaime II, de Aragão, mudou de idéia ao receber cartas de Filipe IV. Tentou assumir as propriedades do Templo, encontrando uma clara oposição por parte dos Templários de seu reino. No Conselho de Tarragona, foram absolvidos. Em Castela-Leão, os Templários passaram a outras Ordens Religiosas.

Aquela Ordem de Cavalaria, repleta de heróis e de mártires, criadora de riqueza, de paz, de trabalho e de estabilidade, viu-se envolvida em um torvelinho de cobiça e de maldade, vítima também de seus próprios erros, talvez de sua própria soberba. Não mereceu o final que teve. Vítima da ambição criminosa de um rei imoral e de um papa corrupto, a Ordem do Templo deixou para a reflexão de todos um legado de harmonia, de força e de conhecimento, impossível de ser esquecido pelos homens de qualquer época.

As acusações contra os Templários

A prisão súbita do Grão-Mestre surpreendeu toda a França. Para satisfazer o público enfurecido, disposto a exigir a cabeça da Ordem, e obter uma opinião favorável para sua ação na França e no estrangeiro, Filipe emitiu uma explicação com as razões para o seu procedimento contra os Templários. Em resumo, ele os acusou de imoralidade e heresia, nomeando cinco ofensas específicas: ao ser recebido na Ordem, todo neófito tinha que cuspir na cruz e negar Cristo três vezes; o receptor e o noviço trocavam beijos indecentes, no umbigo e no traseiro, enquanto despidos; eles praticavam a sodomia; os padres da Ordem não pronunciavam as palavras da consagração, quando ministrando a missa; e a corda que os Templários usavam dia e noite sobre a camisa, como um símbolo de pureza, tinha sido consagrada, embrulhando-a ao redor de um ídolo que eles adoravam nos capítulos, o Baphomet.

Depois de presos, os Templários foram colocados em prisão solitária por períodos que variaram de alguns dias a anos. Um por um, eles foram levados diante da Inquisição, sem o benefício legal de Conselheiros. As cinco acusações gerais eram lidas então. Estas acusações foram sendo ampliadas até atingir 120 declarações ou perguntas. Eram inicialmente informados de que uma admissão franca da culpa nos pontos em que estavam sendo acusados e uma promessa para voltar à igreja afiançaria o perdão e a liberdade.

A recusa em fazer isso seria seguida pela pena de morte. A igreja, de fato, proibira o uso de tortura para garantir provas, mas, para obter o testemunho prejudicial necessário para estabelecer uma lista de crimes e erros com que condenar o acusado, o inquisidor geral recorreu a essa prática. Quando a evidência desejada tinha sido obtida com esse procedimento, à testemunha era solicitado que declarasse que seu testemunho tinha sido voluntário e sem constrangimento. Após isso, o documento era assinado por dois escrivães. Se ela se recusasse a perjurar

fazendo falsas declarações como era exigido, era entregue aos atormentadores até que ele declarasse que nenhuma força tinha sido empregada para obter seu testemunho. Caso contrário, era torturada até a morte. Algumas testemunhas foram submetidas a três ou quatro sessões de tortura, antes da Inquisição poder extrair a resposta desejada.

Sobre a Inquisição, é preciso que se lembre que as primeiras notícias de perseguição àqueles que não aceitavam o credo católico começou já no século IV. Em 385, o Imperador Maximus condenou à morte um "herege" espanhol chamado Prisciliano. Em 1215, Dominic foi enviado ao sul da França para "inquirir" acusados de heresia. Em 1216, a Ordem dos Dominicanos decretou a Suspensão da Heresia, e seus membros eram chamados de "Caçadores do Senhor". Em 1229, o Concílio de Toulouse criou a Inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício, no qual os processos eram sumários, uma vez que o acusado muitas vezes nem sabia quem era seu acusador e, não raro, até mesmo desconhecia o teor das acusações. Mulheres, crianças e escravos podiam ser testemunhas de acusação, mas jamais de defesa. Quem delatava era bem tratado e tinha regalias e, para isso, eram motivados por inveja, cobiça, dívidas e outras mesquinharias. A tortura era empregada para se obter confissões, mas o acusado podia ser condenado apenas pelas evidências. Os castigos iam da prisão aos trabalhos forçados em galés, enforcamento ou garrote, ou a queima na fogueira. Nas torturas, todo o empenho era feito no sentido de não arrancar sangue do condenado. Segundo se acreditava na época, o sangue era a alma, por isso o enforcamento. Ao arder na fogueira, o sangue era queimado e purificado e a alma subia aos céus nessa condição. A justificativa para tal ato era encontrada no Evangelho de João, capítulo XV, versículo 6: "Quem não fica unido a mim, será jogado fora como um ramo e secará. Estes ramos serão ajuntados, jogados ao fogo e queimados". Em 1619, um médico chamado Harvey descobriu a circulação sangüínea, jogando por terra esse argumento de que o sangue era a alma. Foi sumaria mente julgado como herege e queimado. A 5 de dezembro de 1484, o papa Inocêncio VIII declarou guerra ao satanismo, publicando a Bula Summis Desiderantes Affectibus, dando início a uma perseguição que vitimou inocentes em todo o mundo católico. As torturas utilizadas pela Igreja e os crimes haviam sido sistematizados em 1468 por dois monges dominicanos, do Convento de Colônia, Jacobus Sprenger e Heinrich Kramer. A parti daí, o terror espalhou-se pelo mundo.

Quando o papa Clemente V ouviu falar das medidas drásticas utilizadas por Filipe IV, pareceu ter se arrependido da concessão feita ao rei e escrito uma carta repreendendo-o. Mas a ameaça de convocar um concílio para investigar a legalidade das duas últimas eleições papais e a ortodoxia de Bonifácio VIII rapidamente forçaram Clemente a se render a Filipe.

Em 12 de agosto de 1308, o papa emitiu uma bula, Faciens Misericordiam, ordenando uma investigação dos Templários, em todos os países onde eles tivessem Capítulos, por uma Comissão de Investigação composta pelos arcebispos de Canterbury, Mayence, Cologne e Treves. Ante essa Comissão, Jacques de Molay foi julgado em 22 de novembro de 1309. Depois de tenazmente defender a inocência da Ordem, ele foi vencido finalmente pela fraqueza, pela inanição na condição e pela tortura, confessando. Na primavera de 1314, ele foi queimado na estaca. Enquanto isso, Concílios da Igreja, em vários países, davam veredictos a favor dos Templários. O arcebispo de Magdeburg, em maio de 1308, prendeu vários cavaleiros, mas libertou-os em novembro do mesmo ano, devido aos protestos dos príncipes seculares e eclesiásticos. O rei de Portugal defendeu a Ordem corajosamente. Eduardo 1, da Inglaterra, foi indiferente contra os Templários. Os reis de Aragão e Castela encarceraram alguns cavaleiros, mas o Concílio de Salamanca pronunciou a inocência da Ordem em outubro de 1310. O mesmo resultado foi pronunciado pelo Concílio de Ravenna, em junho de 1310, e o de Mayence, em 1 de julho do mesmo ano. O primeiro Concílio de Canterbury não os condenou, e o segundo só os pronunciou culpados depois de recorrer à tortura, em outubro de 1310.

Se as investigações nos países fora da França geralmente resultassem a favor dos Templários, o rei Filipe preveniu-se contra isso. Em 20 de agosto de 1308, ele obteve do papa uma segunda bula, Justum et laudabile, que o autorizou a vigiar os Templários e mantê-los à disposição da igreja. Assim, o grande pastor de Avignon tinha designado um lobo para guardar suas ovelhas: o que ele faria já estava decidido. Em outubro de 1310, foram queimados 50 cavaleiros nas estacas, em Paris, e o Concílio de Senlis, no mesmo ano, pronunciou a Ordem culpada. O Concílio de Vienne, na França, foi manipulado pelo rei e pelo papa e compelido a se pronunciar contra a Ordem, em outubro de 1311, e em março de 1312. Assim, na França, os Templários não tiveram nem clemência nem justiça.

As confissões forçadas

Assim que foi preso, o Grão-Mestre Jacques de Molay admitiu existir certa desorganização nos Capítulos, já que ele bem sabia que a Ordem tinha se afastado dos nobres ideais de seus fundadores. Mas ele não incriminou os cavaleiros em nenhum momento, com as ofensas que os inquisidores haviam assacado contra a Ordem, e, até mesmo no último momento, já preso à estaca, ele negou as acusações. Seus inimigos, porém, ateram-se às admissões do primeiro julgamento e perverteram o testemunho dele em benefício de seus interesses. Enviaram essa "confissão" adulterada aos Templários da França como se fosse uma comunicação do líder da Ordem, ordenando-lhes que se unissem a ele, admitindo a culpa. O resultado dessa evidência obtida por fraude e violência está nos itens a seguir.

Sobre a acusação que tinham renunciado a Cristo três vezes e cuspido na cruz

Sobre este ponto, houve muitas declarações contraditórias. Alguns, acreditando que a confissão alterada de Jacques de Molay e a ordem forjada para admitir as acusações eram genuínas, obedientemente se declararam culpados. Outros só admitiram as acusações depois de ameaças e falsas promessas.

Alguns só confessaram essas afrontas quando não mais puderam suportar a tortura; outros, recusando-se a admiti-las, foram martirizados até morte.

Quase todos os que admitiram as acusações pertenciam à classe dos servos.

Alguns disseram que lhes ordenaram que negassem Cristo ao entrar na Ordem; outros declararam que lhes pediram que negassem Deus; alguns disseram que foram compelidos a renunciar aos Santos, e outros declararam ter que blasfemar contra a Virgem Maria e contra o Nosso Senhor.

Alguém confessou que tinha urinado na cruz.

Isso era feito: abertamente, com os irmãos reunidos; em um quarto escuro; em um campo; em uma granja; em uma sala de guarda; em um quarto onde se faziam sapatos. Às vezes, uma testemunha declarava que tinha feito isso, outra afirmava que não tinha sido culpada de tal conduta, mas que tinha testemunhado. Alguns disseram que essas coisas eram feitas como uma piada; outros declararam que esses atos foram requeridos como um teste da obediência, e que eles tinham negado Cristo ore non corde, isto é, com a boca, mas não com o coração. Alguns disseram que tinham cuspido perto da cruz. Outros que escarraram nela. E outros ainda declararam que adoraram a cruz na SextaFeira Santa. Um que tinha suportado tormentos e tortura declarou que, se o obrigassem a sofrer a provação novamente, estava preparado para confessar que tinha assassinado até a própria mãe de Deus.

Sobre a acusação de beijos indecentes

Apesar de não termos muitos detalhes, é preciso apontar mais uma vez que os testemunhos não estavam de acordo. Alguns alegaram ignorância absoluta sobre tal prática, outros admitiram que tinham beijado o receptor, enquanto outros afirmaram que tais beijos era mútuos. Um Templário, na Inglaterra, confessou que havia dois receptores, que um era bom, mas o outro era um homem mau.

Luxúria antinatural, sodomia ou homossexualismo

Esta acusação era o motivo para um exame físico. Novamente a tortura foi usada para afiançar evidências. Alguns juraram nunca ter ouvido falar de tal pecado. Alguns admitiram que lhes fora permiti do, mas eles nunca tinham se viciado nisto. Outros afirmaram que tinham lhes ordenado que praticassem a sodomia, mas que não tinham obedecido a ordem. O cavalariço do Grão-Mestre Jacques de Molay acusou seu mestre de praticar esse pecado com ele, mas ele se retratou quando se livrou da tortura. Testemunhando diante de uma comissão papal, disse que não podia se lembrar de alguma vez ter feito tal declaração.

Sobre a omissão de palavras na consagração, durante a missa

Nos julgamentos na Espanha e no Chipre, testemunharam numerosos

padres que assistiram a muitas celebrações da missa pela Ordem, sem perceber qualquer irregularidade. Alguns testemunharam que tinham observado uma leve divergência na prática geral, mas disse que, quando os Templários receberam suas Regras, não era hábito elevar a taça ou a hóstia, forma surgida mais tarde, no Conselho de Lateran, em 1215. Na França, porém, a tortura obteve o testemunho de que a missa não era celebrada, pela Ordem, de acordo com o ritual formal.

O testemunho sobre o ídolo

Neste assunto, foram obtidos todos os tipos de admissões. Alguns declararam que os Templários adoravam o ídolo sempre que um neófito era recebido; outros disseram que era adorado em segredo nos capítulos. Sua forma era de todo caráter imaginável. Era um quoddam caput, um tipo de cabeça de cor avermelhada: que se assemelhava a um ser humano; que era preto e tinha forma humana; que tinha olhos cintilantes que iluminavam um quarto escuro; que era feito de ouro e que tinha uma barba cinza e longa; que tinha duas faces; às vezes que tinha três faces; que se parecia com uma mulher bonita; que se vestia como um Templário com uma bata sacerdotal. O ídolo foi descrito na Inglaterra como um bezerro. Alguns disseram que era a estátua de um menino de aproximadamente três pés de altura e tinha duas ou quatro pernas unidas à face. Alguns insistiram afirmando que nunca tinham ouvido falar do ídolo, enquanto alguns admitiram que tinham ouvido falar dele, mas nunca o tinham visto. Outros asseguravam que se parecia com um gato, um corvo, uma pintura ou um desenho. Lê-se em alguns testemunhos que o ídolo responderia a qualquer pergunta feita pelo presidente do Capítulo. Alguns até juraram que o diabo em pessoa ou demônios, na forma de lindas mulheres, vieram a eles e com eles tiveram relações sexuais.

Considerações gerais

Resumindo os pontos principais levantados pelo julgamento, há que se considerar os seguintes fatos:

1.A maioria das testemunhas pertencia à classe dos servos, cujas confissões foram obtidas principalmente por meio de tortura. Uma mesma testemunha, em momentos diferentes, contradisse suas próprias declarações. Em 1307, havia de 15 a 20 mil Cavaleiros Templários na França, e, deste número, só 14 cavaleiros foram formalmente julgados, contra 124 servos. Em 1310, foram 546 chamados ante a Inquisição. Só 18 eram cavaleiros e todos os outros eram servos.

2.Em Paris, Rheims e Sens, 133 morreram de tortura porque não perjuraram nem incriminaram a Ordem.

3.Os oito Preceptores Principais de Apulia, Provence, Normandy, Inglaterra, Alemanha Superior e Baixa, Aragão e Castela persistiram mantendo a inocência dos Templários, enquanto só três preceptores, estes de França, Guienne e Chipre, admitiram as acusações e, ainda assim, só depois de severa tortura.

4. Um número grande desses que confessaram sob constrangimento retratou-se depois que estavam novamente em liberdade. Outros declararam antes das torturas começarem que qualquer confissão arrancada deles através de violência seria mentira.

5. A natureza dos crimes admitida foi condicionada à severidade da tortura.

6. Numerosos Concílios da Igreja declararam a Ordem inocente das acusações.

7. Dois neófitos, na Inglaterra, recusaram-se a deixar a Ordem, apesar de ameaças e promessas lisonjeiras. Teriam eles permanecido leais aos Templários se tivessem sido submetidos a provações humilhantes em sua admissão?

8. Foi afirmado que a adoração ao ídolo era parte do serviço de uma nova religião estabelecida pelos Templários. Ainda assim, nenhum Templário estava disposto a professar a suposta fé e suportar martírio por ela. Seria provável que milhares de homens, forçados a renunciar à fé cristã contra sua e adorar um ídolo iria recusar a oportunidade para voltar à igreja-mãe quando isso fosse possível?

9. Apesar de todas as investigações feitas nos diferentes Capítulos em todos os países, só uma imagem ou ídolo foi achado, na forma de um pequeno medalhão que um Templário tinha trazido do Oriente como quinquilharia.

10. O Bispo de Beirute, que tinha ministrado comunhão aos Templários durante 40 anos, jamais encontrou uma falta neles. Os padres com quem eles tinham se confessado jamais tinham ouvido falar dos pecados assacados contra a Ordem.

11. Os crimes dos quais eles eram acusados eram iguais a todos utilizados contra todos os hereges na Idade Média, como os Waldenses, os Albigenses, os Cavaleiros de São João, e eram iguais aos que o rei da França, Filipe IV, não tinha vacilado em usar contra Bonifácio VIII.

12. Para se acreditar no testemunho dos Templários com respeito a sacrilégio e imoralidade, é preciso também acreditar nas declarações deles sobre relações sexuais com o diabo ou com demônios na forma de mulheres voluptuosas. Isso é totalmente absurdo.

13. Finalmente, não se pode esquecer que os agentes principais do processo contra os Templários foram os dois homens mais sem escrúpulos da Europa, Filipe IV e seu ministro servil, Guilherme Nogaret.

Não pode haver nenhuma dúvida de que os servos eram culpados de certas irregularidades, e é bastante possível que até mesmo entre os cavaleiros fossem cometidas ofensas ocasionalmente. Eles tinham ficado orgulhosos, avaros, conscientes do poder deles, e às vezes arrogantes. Mas que organização humana teve um grupo de sócios perfeitos até hoje? O Ministério Cristão é, geralmente, composto de homens de altos ideais e nobre caráter. Ainda assim, se qualquer homem fosse fazer um exame a fundo de crimes perpetrado por um número pequeno de pregadores que professam o Evangelho, pode, sem muita dificuldade, estabelecer um

catálogo de pecados que fariam o ministério parecer uma das organizações mais corruptas da sociedade moderna. Mas ninguém pensaria em culpar toda a Igreja pelos erros morais de alguns hipócritas ou degenerados.

O fato é que Filipe IV estava determinado a destruir os Templários e, portanto, o julgamento só serviu como uma desculpa para sua ação. Nenhum testemunho favorável à Ordem foi admitido nas "provas" obtidas pelos perseguidores. O procedimento era absolutamente unilateral, o único objetivo a ser alcançado era a prisão. Pode ser que os Cavaleiros Templários tenham superado seu tempo de utilidade, não obstante, do princípio ao fim, na França o julgamento ser uma caricatura de justiça sem paralelo na História. A dissolução da Ordem foi uma tragédia.

Baphomet, um capítulo à parte

Teorias cercam o nome Baphomet e o seu significado, desde a época dos Cavaleiros Templários e, por isso, talvez nunca saibamos a verdade. Talvez nunca verdadeiramente existiu, mas freqüentemente era posto nas bocas dos confessores durante as sessões de tortura. Eliphas Levi, mais tarde, daria forma a esse ídolo. O que se segue são algumas das teorias mais comuns propostas e algum comentário sobre cada uma.

Uma corrupção do nome Maomé

É sabido que Baphomet era um ídolo. Se considerarmos isso como um fato, então a palavra Baphomet, como uma corrupção de Mahomet, não se sustenta, porque, se os Templários seguissem convicções muçulmanas, não haveria nenhum ídolo, uma vez que o Islã proíbe todos os ídolos. Utilizar o parentesco entre os nomes pode ter sido estratégico por parte dos "inventores" desse nome e, conseqüentemente, desse ídolo. No contexto da época, tudo o que lembrasse os invasores da Terra Santa automática e histericamente era hostilizado pela população fanática e dominada pelo terror.

O nome Baphomet, para alguns estudiosos, é uma forma do antigo francês, podendo mesmo ser uma pronúncia errada para Mahomet (Maomé), o profeta islâmico. Essa idéia de um ídolo de Mahomet é altamente especulativa. Pode ser que, naquela época, Mahomet fosse uma palavra comum usada por cristãos para descrever qualquer ídolo.

Uma corrupção do termo árabe Abufihamat

O significado desta palavra árabe é o Pai da Compreensão ou o Pai da Sabedoria. É um termo que se referia a um Mestre Sufi (Sufismo: misticismo arábico-persa, que sustenta ser o espírito humano uma emanação do divino, no qual se esforça para reintegrar-se). Em árabe, pai é usado para significar fonte. Se este é o caso, isso implicaria Deus. É bastante provável que os Templários tenham entrado em contato com sufismo, enquanto na Terra Santa.

Idries Shah apresentou uma teoria em seu livro, Os Sufis. Shah nasceu em 1920 e foi autor de mais de 35 livros, 20 deles sobre o Sufismo, sendo que suas obras foram traduzidas em 12 idiomas, com mais de 15 milhões de cópias impressas. Além de ser um autor muito bem conhecido, ele foi também o Diretor de Estudos do Instituto de Pesquisa Cultural, que era uma entidade educacional que publicou material de alto padrão cultural sobre o pensamento humano e o comportamento.

No seu livro, ele teorizou que Baphomet realmente era uma corrupção do termo árabe Abufihamat, que significa, como já foi dito anteriormente, "o Pai de Compreensão". Confiando em fontes Orientais contemporâneas, provavelmente, os estudiosos Ocidentais supuseram recentemente que Baphomet não tem nenhuma conexão com Maomé, mas poderia ser bem uma corrupção do Abufihamat árabe, pronunciado no espanhol mouro como bufihamat. Na terminologia Sufi, ras elfahmat (cabeça/fonte do conhecimento) significa a mentalidade do homem, após passar por um refinamento, a consciência transmudada.

As palavras gregas Baph e Metis

A palavra Baphomet seria derivada de duas fórmulas gregas, Baph e Metis, que significam Batismo de Sabedoria. Diz-se que os Templários adoravam uma Cabeça (o Baphomet), que, em uma das várias teorias, era a de João Batista. Se isso fosse verdade, talvez a origem dos termos gregos

fosse verdadeira. Não se sabe como se conservou, durante tanto tempo, essa cabeça e como não foi encontrada depois e transformada em mais uma das relíquias da época, que foi pródiga nesse aspecto. A exibição hoje da cabeça mumificada de João Batista, em qualquer santuário, representaria uma fonte de renda que deixaria até o próprio Baphomet envergonhado de não ter tido antes essa idéia. Os Templários, na época, lucravam não com a exibição ou venda de relíquias, mas ergueram seu fantástico império financeiro facilitando a vida e as viagens dos peregrinos e viajantes da época.

Medidas ou Bath-Amah

A figura criada por Eliphas Levi é um ser andrógino, com seios, um princípio feminino, símbolo da maternidade, da suavidade, da fecundidade. São símbolos de proteção e de medida. Werner Wolff, em Changing concepts of the Bible (Nova Iorque, 1951), observa que, para os hebreus, a palavra bath significa moça e medida de líquido. A palavra amah designa moça e medida de comprimento. Teria Baphomet alguma coisa a ver com Bath-amah, moça, mulher, a fêmea que abominavam por seu voto de castidade?

Eliphas Levi, o criador da efígie de Baphomet

lphonse Louis Constant foi um católico romano que estudava para o sacerdócio, porém deixou o catolicismo para se tornar um ocultista, no século XIX. Alguns afirmam que ele foi expulso da Igreja por suas visões heréticas. Antes de sua morte, em 1875, Levi teria se reconciliado com a Igreja Católica e morrido após receber a extrema-unção. Enquanto vivo, ele seguiu o caminho da Magia e adotou o pseudônimo judeu de Eliphas Levi. Parte de seu trabalho foi escrever grandes obras sobre a deidade alegada dos Cavaleiros Templários, Baphomet.

Levi considerou que Baphomet era o absoluto em forma simbólica. Ele é mais conhecido pela ilustração de Baphomet, que usou como capa Dogma Ritual da Alta Magia, publicado em 1855. Acredita-se que ele baseou a ilustração em uma Gárgula que aparece em um edifício de propriedade da Ordem, o Commandry, de Saint Bris le Vineux.

`A Gárgula se apresenta na forma de uma figura cornuda barbuda, com peitos femininos pendentes e asas. Senta-se em uma posição de pernas cruzadas que se assemelha a estátuas do deus veado céltico, Cernnunnus, ou o Cornudo, encontradas em Gaul (França) antes da ocupação romana."

A figura criada por Levi

Acredita-se que a natureza dualista da vida e os aspectos femininos e masculinos da criação estão contidos no Baphomet de Levi. A imagem combina ambas as qualidades de macho e fêmea: um braço masculino, um feminino; os peitos de uma mulher com um objeto fálico em seu colo; um braço que aponta para cima, enquanto outro aponta para baixo, talvez uma representação do Hermético "Como acima... Também abaixo". A ilustração também mostra que um braço aponta para uma lua crescente branca e o outro para uma lua minguante escura, talvez uma representação das fases crescente e minguante da Lua, mas também podendo representar a

dualidade do bem e do mal.

Eis o que Eliphas Levi disse sobre a imagem de Baphomet que ele desenhou:

"O bode leva o sinal do pentagrama na fronte, com uma ponta no topo, um símbolo da luz. Suas mãos formam o sinal do hermetismo, uma apontando para a lua branca de Chesed, outra apontando para a escuridão de Geburah. Este sinal expressa a harmonia perfeita entre clemência com justiça. Um braço é de fêmea, o outro, de macho, como dos andróginos de Khunrath, cujos atributos nós tivemos que unir com os de nossa cabra, porque são um mesmo símbolo. A chama da inteligência, que brilha entre os chifres, é a luz mágica do equilíbrio universal, a imagem da alma elevada acima da matéria, enquanto a chama, ainda presa à matéria, brilha acima dela. A horrível cabeça de besta expressa o horror do pecador, cujos

atos materialistas, somente é responsável por parte da culpa para suportar o castigo sozinho, porque a alma é insensível de acordo com sua natureza e só pode sofrer quando materializada. A barra que se levanta sobre os órgãos genitais simboliza a vida eterna; o corpo coberto com escamas, a água; o semicírculo em que repousa, a atmosfera; as penas logo acima, o volátil. A humanidade é representada pelos dois peitos e pelos braços andróginos dessa esfinge das ciências ocultas."

A efígie de Levi

Eliphas Levi foi o primeiro a separar o pentagrama em boas e más aplicações e o primeiro a incorporar seu Baphomet de cabeça de bode ao pentagrama invertido, atribuindo as qualidades do Mal ao novo símbolo.

Ele tinha a convicção de que não só os Templários adoraram Baphomet, mas que todos que abraçaram as ciências ocultas também o fizeram.

"Vamos declarar para a edificação do vulgar... e para a maior glória da Igreja que perseguiu os Templários, queimou os mágicos e excomungou os maçons etc., vamos dizer corajosa e ruidosamente que todos os iniciados das ciências ocultas... adorou, adora e sempre adorará o significado desse símbolo horroroso [A Cabra de Sabá]. Sim, em nossa convicção profunda, os Mestres Principais da Ordem dos Templários adoraram Baphomet e o fizeram ser adorado pelos seus iniciados.1116

Levi acreditava que, se a pessoa reorganizasse as letras de Baphomet, invertendo-as, teria então uma frase latina abreviada: TEM OHP AB. Acreditava mais ainda, que isto representaria o Templi omnivm hominum pacis abbas latino ou em inglês "O Pai do Templo da Paz de Todos os Homens", julgando que isso era uma referência ao Templo do Rei Salomão, que acreditava ter o propósito exclusivo de trazer paz para o mundo.

Finalizando, vale citar o que escreveu Levi em seu livro Transcendental Magia', de 1865:

"Declaramos enfaticamente que Satã como personalidade e poder não existe. O diabo, na Magia Negra, é o Grande Agente Mágico empregado para objetivos malignos por um desejo perverso. "

O Pentagrama

Foi Levi quem primeiro diferenciou os aspectos bons e maus da estrela de cinco pontas ou pentagrama, pois percebeu dois aspectos mágicos, um bom e outro indicando a reação mágica oposta. Quando invertido, a sociedade de hoje vê, impropriamente, o pentagrama como um símbolo do mal. É preciso, porém, examinar a história do pentagrama para entender em que ponto mudou erroneamente de uma coisa inerentemente boa para a percepção de uma coisa errada.

Este é o pentagrama tradicional, com os cinco pontos da estrela, um para cima, dois para abaixo, incluído dentro de um círculo. Este tipo de pentagrama existiu por incontáveis milhares de anos, datando o mais antigo de cerca de 3.500 a.C., usado na Mesopotâmia Antiga, ao menos mais tarde, pelos soberanos como um símbolo para demonstrar que a largura de seu poder abrangia os quatro cantos do mundo conhecido.

Os primeiros gregos chamaram o pentagrama de Pentalpha (pent para o número cinco e alpha, a primeira letra do alfabeto grego). Os pitagóricos consideraram que suas qualidades geométricas eram símbolos (matemáticos e metafísicos) da perfeição.

Para os hebreus, as cinco pontas do pentagrama estavam ligadas ao Pentatêuco (os primeiros cinco livros da Bíblia) e representava a Verdade como um todo. Embora ocasionalmente chamado de Selo de Salomão, é importante destacar que isso está incorreto e que a Estrela de David, ou o duplo triângulo, é o verdadeiro Selo de Salomão.

O mais curioso aspecto do pentagrama é aquele relacionado aos primórdios do Cristianismo. Até o período medieval, os cinco pontos do pentagrama representavam as cinco chagas de Cristo na Santa Cruz.

Durante esse tempo, o pentagrama, tão criticado pelos cristãos modernos, não continha de fato nenhuma implicação má e, de um modo menos expressivo que a cruz, era símbolo do Salvador.

O próprio Constantino, o imperador romano que se converteu ao Cristianismo e cuja mãe, Helena, descobriu a relíquia religiosa da "Verdadeira Cruz", escolheu usar o pentagrama como selo e amuleto. Na igreja que ultrapassou, durante o governo de Constantino, as fronteiras do Império Romano, a cruz se tornou o símbolo escolhido do Cristianismo em lugar do pentagrama. É irônico perceber que, por uma mera escolha de iconografia, o pentagrama poderia estar enfeitando os pescoços de milhões de cristãos pelo mundo todo.

Com a destruição dos Cavaleiros Templários pela deslealdade, combinada do Rei Filipe IV e do papa Clemente V, talvez tenha iniciado a Inquisição da Igreja Católica. Tudo começou com os Templá rios, acusados de adorar um ídolo chamado Baphomet. É altamente improvável que o Baphomet dos Templários, se realmente existiu, se assemelhasse a qualquer coisa como o Baphomet de Levi. A Ordem foi esmagada pela tortura, pela morte de seus membros e pela dissolução papal em 1314. Como na tortura dos cátaros albigenses e da Ordem dos Templários, a Igreja começou a destruir tudo que se opusesse ao soberano da Santa Sé. Hereges, bruxas e pagãos encontraram o mesmo destino: conversão ou morte.

Nesse tempo, os deuses cornudos, ainda adorados pelos camponeses e populares da Europa, como Pan, transformaram-se, por obra da Igreja Cristã, em imagem do Diabo. Então, aos olhos da Igreja, se os camponeses adorassem falsos e maus deuses, então o símbolo do pentagrama, usado por eles como um amuleto símbolo de segurança, deveria ser igualmente mau. O Catolicismo, tentando estabelecer-se no seio da Europa ainda bárbara, utilizou todo tipo de estratagema, desde o terror até um sincretismo conveniente. As igrejas, por exemplo, foram construídas nos locais onde a população cultuava seus deuses pagãos. Assim, além de se destruir os altares e locais de culto, valiam-se do hábito de freqüentar aquele local como facilitador para implantação da nova religião.

A efígie de Baphomet

Eliphas Levi foi o primeiro a adaptar o pentagrama invertido, mostrado a seguir, como símbolo do mal. Na Idade Média, o pentagrama vertical representava o verão, enquanto o invertido, com uma ponta para baixo, era uma representação do inverno. Levi criou duas ilustrações do pentagrama, o primeiro, sua Boa Orientação, caracterizou os cinco pontos de um homem, dentro das pontas do Pentagrama. Isso é chamado o Homem Microcósmico e os quatro membros representam os quatro elementos (terra, ar, fogo e água) com a cabeça representando o espírito.

Após o Homem Microcósmico, ele desenhou o pentagrama invertido como a cabeça de bode ou Baphomet. Assim fazendo, ele criou uma diferenciação, pela primeira vez, entre o bem e o mal simbolizados pelo pentagrama. A efígie de Baphomet tornou-se o símbolo oficial da Igreja de Satanás, criada por Anton Szandor La Vey, em 1966. Essa efígie é usada no mundo inteiro por satanistas e seguidores de Satanás. Apesar disso, é preciso mesmo muito boa vontade para enquadrar a cabeça da cabra, ou do bode, na estrela de cinco pontas, considerando-se que a posição das orelhas, conforme a figura à direita, é totalmente antinatural e forçada. A menos que exista uma tal raça de caprinos cujas orelhas apontem para os lados.

Baphomet e a Maçonaria

Albert Pike (1809-1891) era o Chefe Principal do Rito Escocês Antigo e Aceito, posição a que foi eleito em 1859. É considerado um gênio maçônico por muitos maçons. Para um número grande das pessoas, ele é visto como um Luciferiano que professa uma doutrina secreta, escondido da maioria dos maçons. Pike escreveu um livro chamado Dogma e Moralidade, disponível ainda hoje nas bibliotecas de muitos maçons do mundo todo. O livro foi muito criticado e freqüentemente citado erroneamente. Por que tal grande homem aos olhos da Maçonaria era atacado fora dela? A resposta está numa farsa construída por Leo Taxil e na ingenuidade das massas, ansiosas em aceitar isso como verdade.

Leo Taxil, ou Gabriel Antoine Jogand-Pages, era um livre-pensador que vivia de escrever histórias pornográficas em capítulos, no estilo folhetim. Talvez tenha sido o precursor mesmo dos atuais livros de bolso. Livre-pensador era o termo dado àqueles que se opunham à autoridade e aos dogmas de sociedade, especialmente no aspecto religioso. Além desses livros de bolso, Taxil escreveu muitos livros antimaçônicos e anticlericais, em tempos diferentes. Sobre sua atuação, Pe. Antônio F. Benimelli, numa de suas obras, O Contubérnio judeu-Maçônico-Comunista, narra pormenorizadamente a trajetória e a farsa montada por ele. Em resumo, porém, tudo começou quando Taxil solicitou admissão a uma loja maçônica, encontrando forte oposição, principalmente por seu trabalho como escritor anticatólico. Apesar das oposições, ele foi iniciado na Ordem, mas expulso pouco tempo depois. Essa expulsão talvez o tenha incitado escrever seus trabalhos antimaçônicos, ou talvez seu propósito inicial tenha sido justamente esse. Em todo caso, Taxil iria perpetrar uma farsa que durou décadas e que, apesar de ter sido desmentida por ele mesmo, pessoalmente, numa conferência, com irritante freqüência é ressuscitada pelos opositores da Maçonaria e, como naquela época, jogada a uma massa ingênua, ansiosa por acreditar em qualquer bobagem, na falta de melhor coisa a fazer. Numa série de livros, usando diversos escritores, personagens criadas por ele próprio, Taxil estabeleceu um vínculo fatal entre a Maçonaria e o Satanismo.

Em 17 de abril de 1897, após 12 anos do lançamento da farsa de Taxil,

ele a admitiu. Diante de uma assembléia no Paris Geographical Hall, Taxil contou à multidão que toda sua literatura antimaçônica tinham sido inventada. A multidão, que tinha se reunido na esperança de ouvir alguma nova e bombástica revelação antimaçônica, ficou enfurecida a ponto de Taxil ter que fugir pela porta dos fundos.

O propósito de Taxil era revelar uma ordem maçônica altamente secreta, o Palladium, que só existiu em sua imaginação. No Palladium, segundo Taxil divulgou, era praticada a adoração do Diabo, cometidos assassinatos e outras brutalidades, além de atos de natureza erótica. Os trabalhos dele, publicados em 1885 e 1886, foram muito populares para um público ansioso em ler os horrores de Maçonaria. Em seu livro, Os Mistérios da Franco-Maçonaria, Taxil utilizou o Baphomet de Levi. A capa descreve um grupo de maçons que dançam ao redor do ídolo de Baphomet. Além disso, o artista somou outro elemento ao mistério: à esquerda da capa, uma mulher segura uma cabeça barbuda cortada, que é de um padre e é símbolo do aspecto masculino sinistro. Dizia-se que a cabeça fora cortada depois da união sexual com o Baphomet.

Em outro livro antimaçônico da época, encontra-se de novo a imagem do Baphomet de Levi ligado aos maçons. Publicado em 1894, A Mulher e a Criança na Franco-Maçonaria Universal, foi escrito por Abbe Clarin de Ia Rive. Nele, o popular Baphomet seduz uma mulher na capa, entre os pilares da Maçonaria, além de, neste mesmo livro, a falsa citação de Pike ser usada para apoiar de forma enganosa o autor em suas visões antimaçônicas. Não há nenhuma dúvida de que as capas desses dois livros criaram um real movimento no público da época. Esse tipo de imagem prevalece até hoje entre cristãos fundamen talistas, como, por exemplo, Jack T. Chick, que publicou A Maldição de Baphomet, uma história em quadrinhos antimaçônica. A farsa de Taxil foi uma cruz para os maçons durante anos e é provável que persista por muito tempo, como os mitos que cercam os Templários.

Onde está Baphomet?

Anjos e demônios foram criados no princípio dos tempos. Pelo que se sabe, não se reproduzem por si sós. As legiões demoníacas totalizam, segundo consta, 6.666, e o líder de todas essas legiões, supõe-se, é Satanás. A Bíblia Sagrada, onde estão contidos todos os ensinamentos do Cristianismo, curiosamente não registra, em momento algum, o nome de Baphomet, muito menos de seu ilustre parceiro infernal, Lúcifer.

Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, diabo é "O chefe dos demônios, geralmente representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas; Demônio, Satanás, Satã, Lúcifer..."

Ainda na Bíblia, encontramos a palavra Belzebu citada quatro vezes; Astarote é mencionado cinco vezes; Belial é citado dez vezes; Diabo aparece 14 vezes, contra 18 vezes da palavra Demônio. Finalmente, Satanás é mencionado 23 vezes. Depreende-se disso que Satanás é, realmente, o chefe de todas as legiões. Se os Templários se valeram da força de um ídolo, representando um demônio, por que motivo utilizariam um demônio coadjuvante, uma figura menor, quando poderiam recorrer ao mais poderoso de todos, o próprio Satã? Se Baphomet existisse realmente e fosse um demônio de grande poder, não estaria sendo citado mais vezes nas pregações feitas no mundo todo? Por que surge sempre associado apenas aos Templários e, atualmente, à Maçonaria?

A religião, ao longo do tempo, procurou exercer um controle total sobre a vida do cidadão mais ilustrado, proibindo principalmente as confrarias de toda espécie. E isso não surgiu apenas durante o período de atuação dos Templários. Já em 451, com o Cânon 8, o Concílio da Calcedônia condena as sociedades secretas. Não havia nem Templários nem maçons nessa época. Em 658, o Concílio de Nantes decretou a interdição das corporações e das irmandades de artes e ofícios, além de também determinar que os bispos deveriam "destruir o paganismo". Maurice Vieux, em Os Segredos dos Construtores 18, diz o seguinte sobre o assunto:

`A igreja condena todas as formas de associações que não consegue

controlar. Igualmente, as confrarias, cujo principal objetivo não era a oração, pois mesmo a caridade não encontrou indulgência diante da severidade dos Concílios.

O Magistério é único, e é exclusivo detentor da verdade; portanto, é inútil e mesmo perigoso para a fé procurá-la fora das formas prescritas pelos cânones da Igreja.

Com base nesse fato, estamos de posse de uma regulamentação bastante estrita de parte da Igreja contra as liberdades de associações e essa atitude foi ditada por receios da Igreja, cujos temores nos parecem visara possível concorrência no domínio do direito privado."

É curioso observar que esse temor parece perdurar até os dias de hoje. E de forma alguma é cabível, numa visão consciente, ligar as atividades desenvolvidas pelos Templários com a Maçonaria atual. Aqueles eram monges, com formação religiosa, enquanto os maçons dificilmente contam, em seus quadros, como membros do clero. Monges com formação religiosa e conhecedores da severidade da Igreja contra as heresias teriam arriscado suas vidas e toda a fabulosa estrutura econômico-financeira que haviam montado, adorando um ídolo que representasse um demônio menor, talvez um precursor dos economistas atuais, com habilidades para finanças e investimentos? Se assim o fizessem, rendendo a ele homenagens e louvores, não teriam enciumado o maior deles, Satanás, o chefe de todos os demônios? Teria ele sido compreensivo com aquele grupo de homens, beneficiados pela ação de um subalterno dele, sem prestar a ele as devidas homenagens? Quem, hoje, e no governo temos exemplos diários disso, louvaria um assessor de ministro, esquecendo-se de estender ao chefão uma parte dessa homenagem?

O Malleus Maleficarum, livro de cabeceira dos inquisidores, escrito em 1468, séculos após a extinção dos Templários, em momento algum cita Baphomet ou alerta sobre a perigosa ação de um demônio economista. Se Baphomet teve o poder de orientar os Templários na construção da primeira multinacional da história do mundo, como pôde ser desleixado e omisso a ponto de ver toda a sua obra ruir?

Acreditar na existência de Baphomet é acreditar em Papai Noel, Coelhinho da Páscoa e outras fantasias. Não resta a menor dúvida de que

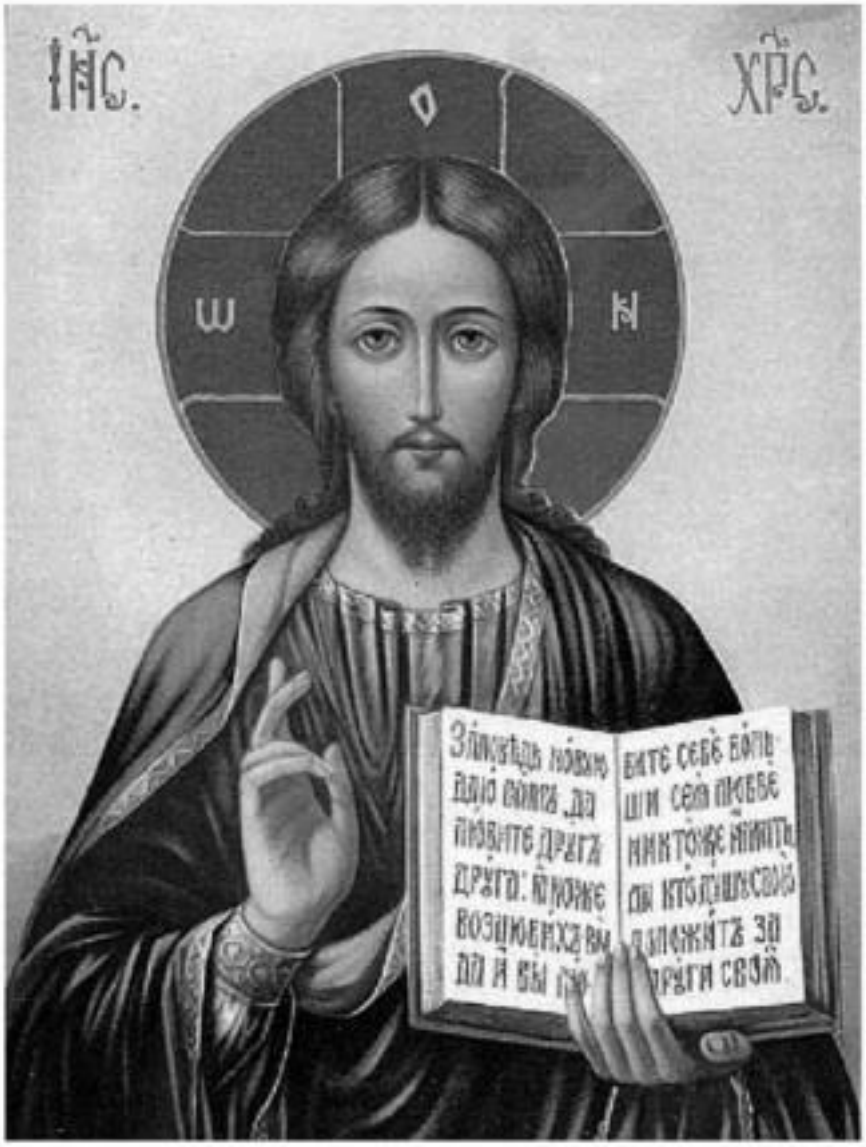
foi um nome e uma imagem criada com o único fim: o de acusar e exterminar os Templários, cuja riqueza despertara a cobiça do rei da França e do papa. Onde estaria, portanto, Baphomet, um gênio talentoso que só obteve reconhecimento na época dos Templários e depois retornou ao ostracismo onde se encontra até hoje. A menos que esteja agindo por trás das multinacionais e dos organismos financeiros que controlam toda a economia do mundo. Assim, o famoso ídolo, jamais encontrado pelos diligentes inquisidores, apesar de todos os recursos de persuasão empregados na época, pode estar, hoje, enfeitando uma luxuoso escritório em alguma parte do mundo.

Altamente significativo, nesse contexto, é perceber que, na história recente da Humanidade, governos totalitários e ditadores posicionaram-se contra a Maçonaria, assacando contra ela toda a força da tirania, jogando a população contra ela, não raro com o beneplácito da Igreja como um todo, ansiosa por ressuscitar, sempre que possível, o ridículo mito do Baphomet que tantas vidas custou aos Templários. O que era antes apenas um ídolo representado por uma cabeça transformou-se numa efígie completa, graças ao desenho de Eliphas Levi. Não, porém, nenhuma semelhança entre essa figura e as descrições espontâneas dos Templários torturados. A efígie de Eliphas Levi não é, nem nunca foi, a representação fiel daquele ídolo, inventado pela imaginação perversa de sádicos inquisitores.

Desvendando o mistério da efígie

Para montar sua efígie do Baphomet, Eliphas Levi não foi nem um pouco original e apenas medianamente criativo. Na realidade, utilizou elementos conhecidos e largamente empregados na pintura, principalmente de motivos religiosos.

Figuras entronizadas



A figura entronizada (sentada num trono) é facilmente encontrada nas fachadas das catedrais e nas pinturas de motivos religiosos, desde a mais remota Antiguidade.

Desde os primórdios do Cristianismo, Jesus Cristo, Santos, papas e apóstolos foram representados em figuras entronizadas, simbolizando sua ascendência sobre os mortais comuns. Conforme o Dicionário Aurélio Eletrônico, trono é: "1. Sólio elevado em que os soberanos se assentam nas ocasiões solenes. 2. Fig. Poder soberano; autoridade". Ao se aproveitar de uma prática iconográfica comum, Eliphas Levi pretendeu dar a sua efígie um grau de importância que, absolutamente, não tinha historicamente, pois nem sua imagem nem seu nome são citados na Bíblia ou outro documento da Igreja até surgir a caça aos Templários.

Essas figuras entronizadas também surgem em obras e representações místicas, esotéricas ou ocultistas, como as imagens do baralho do Tarô.

O Gesto da Efígie

O Baphomet de Eliphas Levi aponta suas mãos em diferentes direções. Segundo ele, "este sinal expressa a harmonia perfeita entre clemência com justiça"".

O mesmo gesto, no entanto, já era encontrado em pinturas e esculturas desde há muito tempo, tanto na arte religiosa quanto em símbolos esotéricos.

Talvez, então, Levi tivesse sido criativo ao dar o caráter de andrógino à sua efígie de Baphomet, dotando-o de asas e aplicando-lhe escamas no corpo.

Mesmo assim, não ficou diferente da representação do diabo do baralho Visconti-Scorza, elaborado por volta de 1.450, quase 400 anos antes da figura de Eliphas.

Esse baralho encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris. O diabo desse baralho tem seios de mulher, chifres, asas de morcego e repete o gesto com as mãos.

O gesto está presente em diversas figuras, como se pode notar nos exemplos a seguir, nos quais se percebe quão comum também é a presença de figuras sentadas, com as pernas cruzadas, na iconografia universal.

Cabras, bodes e asas

Na Grã-Bretanha, ocorreram conversões ao cristianismo durante os últimos tempos da ocupação romana, mas, a partir de 407 d.C., com a retirada das legiões, o cristianismo foi abolido em benefício das antigas práticas pagãs. No início do século VII, Santo Agostinho chegou a Kent e foi recebido pelo rei Aethelberth, fundando, então, a Catedral de Canterbury. Após ele, vieram outros prelados cristãos, que viriam a desempenhar importantes papéis na história inglesa.

Pode-se imaginar que, após algumas gerações depois da vinda de Santo Agostinho, o cristianismo tenha se instalado definitivamente na região e sido aceita pelo povo inglês como sua religião.

Em parte isso ocorreu. Nos castelos, a realeza, a nobreza e a criadagem seguiram a fé cristã, enquanto a população mais simples, porém, continuou a cultuar suas práticas pagãs ainda por muitos séculos. Para não descontentar o senhor feudal, assistiam aos serviços dominicais, nas igrejas de suas vilas, cultuando o Deus cristão, como lhes era exigido. Nas noites de Lua cheia, no entanto, eles se reuniam longe das vilas para

prestar homenagem ao antigo Deus de Chifres.

Esses sabás já vinham sendo celebrados desde tempos imemoriais e eram inofensivos. Consistiam em ritos de fertilidade, animados com banquetes, danças e outras alegrias carnais, negadas a seus seguidores pela sombria fé cristã.

Com as Cruzadas e seu apelo romântico e aventureiro, temperado com promessas de perdão aos pecados e indulgências, muitos abandonaram convenientemente suas crenças pagãs para aderir ao cristianismo. A Igreja conseguiu, finalmente, transformar o inofensivo e jovial Deus de Chifres em Satã, não o rebelde e belo Lúcifer, Filho da Luz, mas o um horroroso e recém-inventado Diabo, com chifres, cascos e cauda pontuda, amante insaciável de mulheres licenciosas e inspirador de todos os males. O golpe final aos Templários, no fim das Cruzadas, foi dado usando-se essa imagem grotesca na figura do até então desconhecido Baphomet.

Os sabás foram transformados em reuniões de marginais, ladrões, inimigos da autoridade, de viciados, depravados e pervertidos em busca de poderes ocultos para sacrificar inocentes e encantar inimigos. Apesar disso, foi só em fins do século XV que a Igreja, finalmente, se sentiu suficientemente forte para desafiar essas crenças, consideradas atividades criminosas. O sucesso no extermínio dos Templários possivelmente contribuiu para essa decisão. Afinal, usara-se um ídolo inexistente para, entre outras acusações, servir de motivo para torturas que arrancaram as evidências desejadas. O mesmo processo deveria funcionar com a massa inculta.

A 5 de dezembro de 1484, o papa Inocêncio VIII iniciou abertamente o combate ao satanismo e às bruxas, com a publicação da bula Summis Desiderantes Affectibus, dando início ao Santo Ofício, ou Santa Inquisição. Este foi o golpe definitivo no satanismo, muito embora nos diversos Concílios realizados antes disso já se incluíam matérias que visassem desencorajar as práticas pagãs, como nos Concílios a seguir:

• 451 - Calcedônia - Cânon 28: as religiosas não devem encontrar-se na vizinhança dos conventos de frades, tanto por causa dos ardis de Satã quanto por causa dos maus rumores que poderiam disso resultar;

• 533 - Orleáns - Cânon 22: alguns prosseguem nos erros antigos, festejando o 1- de janeiro, outros levam alimentos aos mortos para o festejo da sé de Pedro e comem legumes ofertados ao demônio, outros veneram certas rochas ou árvores ou fontes. Os padres devem destruir essas superstições;

• 578 - Auxerre - Cânon 1: no dia 1° de janeiro ninguém deve, à maneira dos pagãos, disfarçar-se de vaca ou de mulher velha, ou de cervo, ou fazer presentes diabólicos no primeiro dia do ano; nem se deve ofertar mais presentes que nos outros dias.

Cânon 3: não se deve fazer votos junto de um arbusto ou de uma árvore sagrada, ou de uma fonte. Do mesmo modo, ninguém deve fazer imagens ou pés de madeira;

• 793 - Capitulário: a lei está acima do costume.

Cabras, bodes e figuras aladas também são freqüentes na história da arte e na história da humanidade, principalmente ligadas aos cultos de origem pagã. Além disso, a própria Igreja já havia determinado a forma do diabo. Eliphas Levi não teve nenhum trabalho em desenhá-lo, já que o layout original estava pronto e a forma já havia sido popularizada.

Bustos e Cabeças

Os Templários foram acusados de ter um ídolo a quem prestavam homenagens: Baphomet, um demônio economista altamente especializado. Exageros à parte, as descrições sobre o ídolo mais coerentes, filtradas de todos os testemunhos obtidos sob tortura, são: "era um quoddam caput, um tipo de cabeça de cor avermelhada; que se assemelhava a um ser humano; que era preto e tinha forma humana; que tinha uma barba cinza e longa; que se parecia com uma mulher bonita".

Supondo-se que existisse um ou mais ídolos nas propriedades dos Templários, de que natureza poderiam ser eles? Monges cultos, versados no latim, no grego e em outras línguas da época, com conhecimentos das civilizações orientais, grega e romana, não poderiam esses cavaleiros, numa de suas viagens, ter trazido uma lembrança, um souvenir das terras percorridas? E de que natureza seria essa lembrança, fácil de ser

transportada a cavalo? Talvez alguma coisa parecida com um busto ou até mesmo com uma cabeça, mas longe de ser um símbolo do mal. Se o conhecimento e o poder dos Templários tivesse chegado a tanto, por que, ao invés de adorarem o ídolo de Baphomet, não o invocavam "ao vivo" para louvá-lo mais apropriadamente?

Conclusão

Napoleão Bonaparte disse: "O que é história, senão uma fábula em que se acredita?" Como foi visto, o pentagrama evoluiu, através dos tempos, como um símbolo de fé e conhecimento para ser hoje representativo de tudo aquilo que é mau. A arte de um homem, Eliphas Levi, associou o aspecto mau do pentagrama a uma imagem reconhecida do diabo cristão, pela ilustração hermafrodita de Baphomet. É altamente improvável que os Cavaleiros Templários adorassem uma entidade endiabrada com a imagem de um bode, mas devido à cadeia de eventos, montados na farsa que foi o malfadado julgamento da Ordem Templária, veio a se tornar uma convicção aceita, a fábula em que se acredita, de muitos cristãos fundamentalistas. É triste e ao mesmo tempo terrível imaginar que esse mesmo grupo poderia ir tão longe com suas pregações sobre maldição de Baphomet, ligando-o às fraternidades maçônicas com as mesmas acusações que destruíram os Templários em 1307.

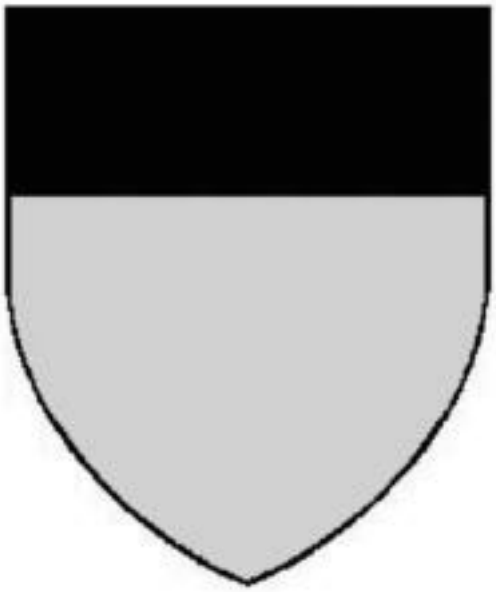
Nos depoimentos espontâneos dos Templários, em momento algum Baphomet é descrito como retratado na imagem de Eliphas Levi, que utilizou elementos comuns da iconografia para montar sua efígie. Na época dos Templários, era apenas uma cabeça. O deus de chifre, perseguido pela Igreja desde sua chegada na Grã-Bretanha, era um inimigo a ser vencido para a consolidação do catolicismo naquelas terras. Presente no imaginário popular e objeto de culto desde tempos imemoriais, o deus de chifres precisava ser combatido a todo custo. Esse trabalho não se mostrou fácil, no entanto, e só a partir de fins do século XV, com o Santo Ofício, conseguiu-se, de forma mais direta e violenta, cercear esses cultos.

Aqueles que ainda hoje se valem da efígie criada por Levi e da ridícula farsa montada por Leo Taxil para execrar a Maçonaria e qualquer outra,

na realidade apenas buscam bodes expiatórios para justificar sua presença e atuação no seio de pessoas incultas, fanáticas e ansiosas por acreditar em alguma coisa. A esses podemos rotular de manipuladores da fé, criadores de religiões e mantenedores da ignorância e do fanatismo.

Os Templários foram vítimas da cobiça e do fanatismo. Constituíam, na época, a única classe de pessoas ilustradas, estudiosas, com acesso a livros e conhecimentos. A fé imposta e as peregrinações que se iniciaram por volta do ano 1000 criaram um fértil campo para estabelecimento de uma rede de atendimento aos peregrinos. Rede que se mostrou rapidamente lucrativa, como hoje são os locais de peregrinação, com sua infra-estrutura comercial montada para atender romeiros e crentes, vindos de todas as partes do mundo.

Escudos dos Grandes Mestres Templários



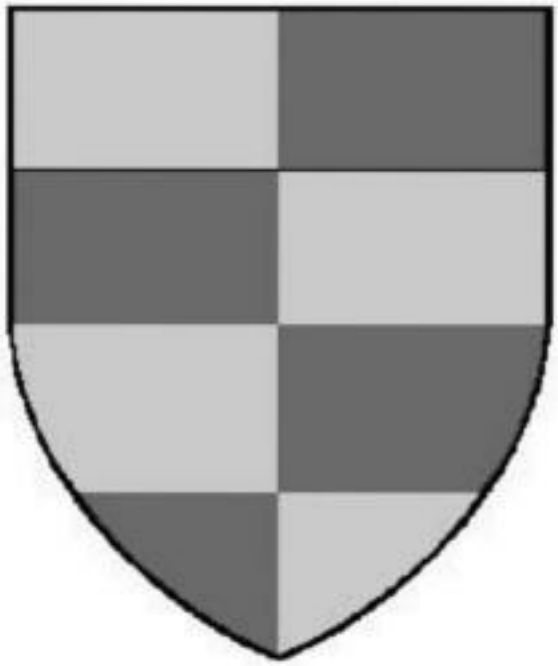
Hugues de Payens (1119 - 1136)

Robert de Croan (1136 - 1149)

Everard des Barres (1149 - 1152)

Bernard de Tremelay (1153)

Andrew de Monthbard (1154 - 1156)

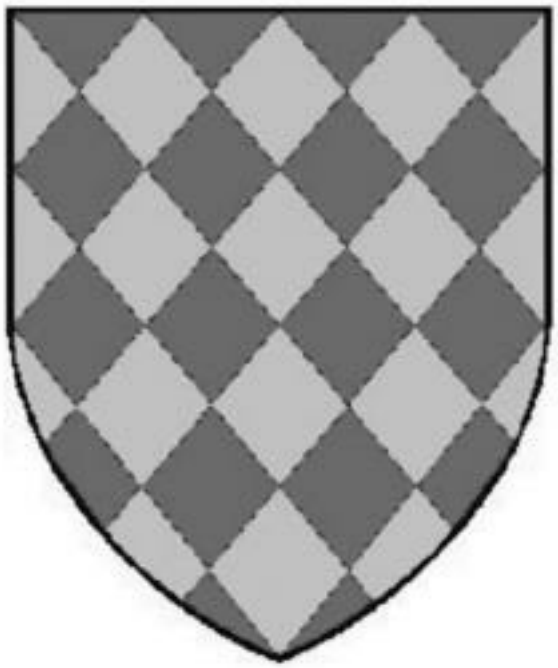


Bertrand de Blancfort (1156 - 1169)

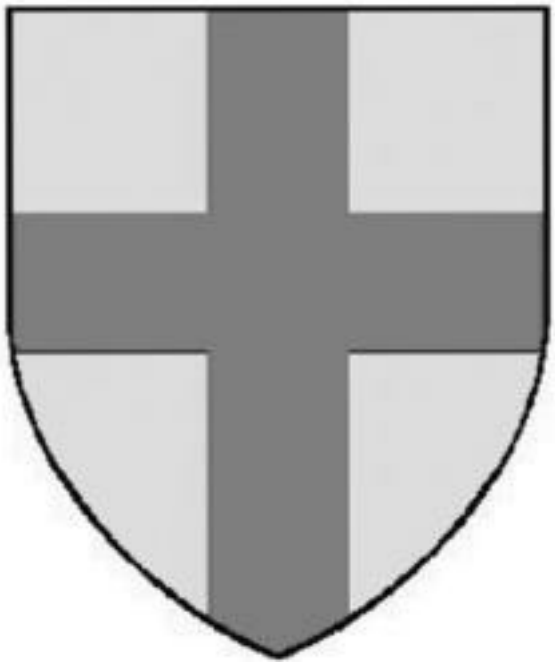
Philip de Nablus (1169 - 1171)

Arnold de Torroja (1181 - 1184)

Gerald de Ridefort (1185 - 1189)

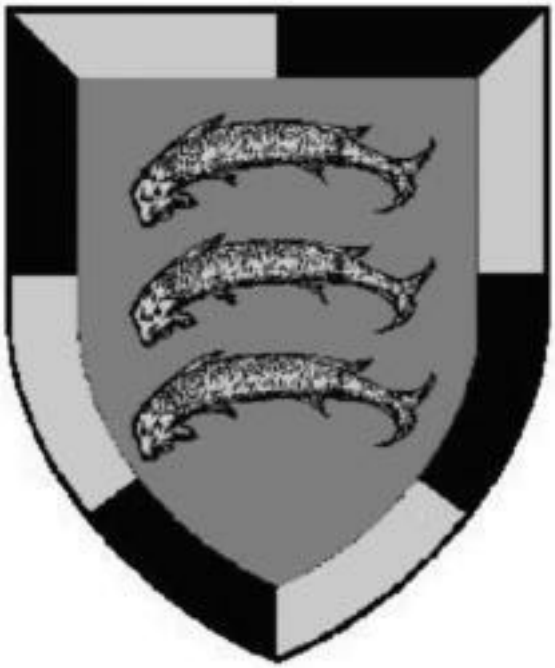


Robert de Sable (1191 - 1193)

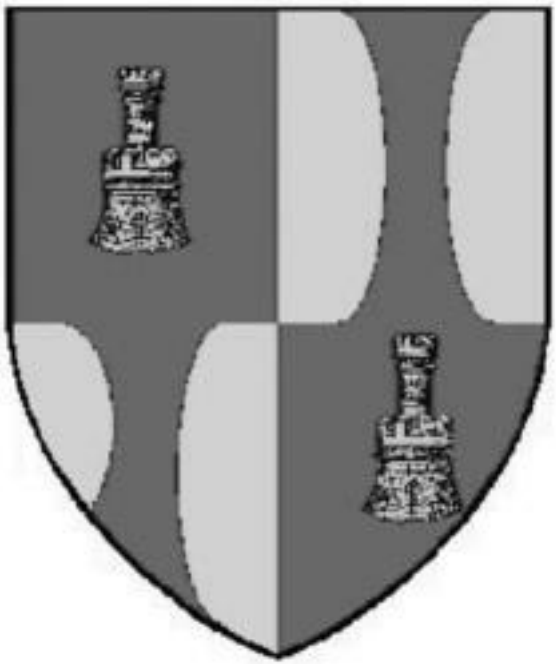


Gilbert Erail (1194 - 1200)

Philip de Plessis (1201 - 1209)



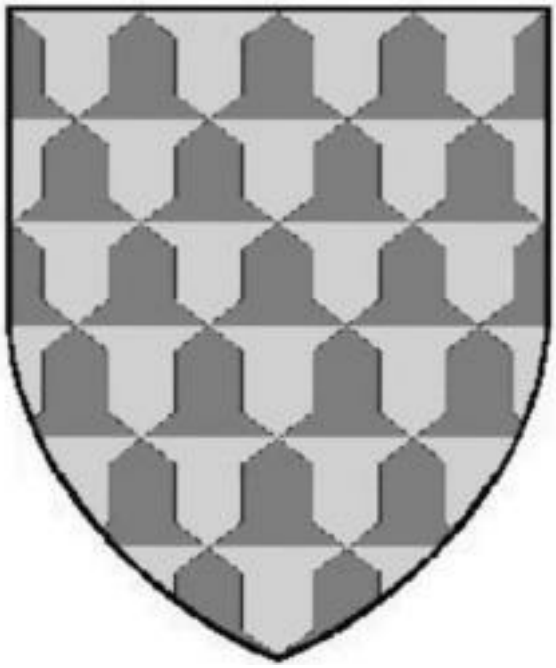
William de Chartres (1210 - 1219)



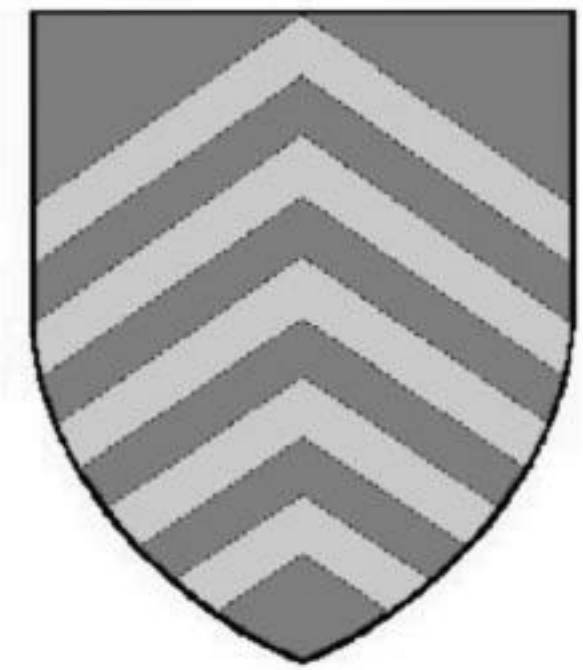
Peter de Montaigu (1219 - 1232)

Armand de Perigord (1232 - 1246)

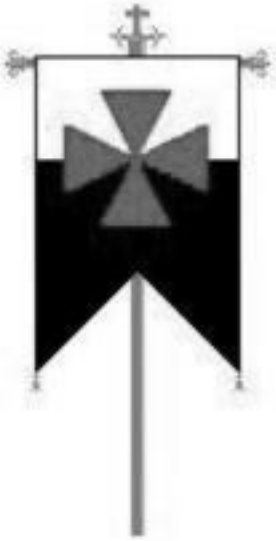
William de Sonnac (1247 - 1250)



Reginald de Vichiers (1250 - 1256)



Thomas de Berard (1256 - 1273)



O Estandarte da Ordem

O Selo da Ordem